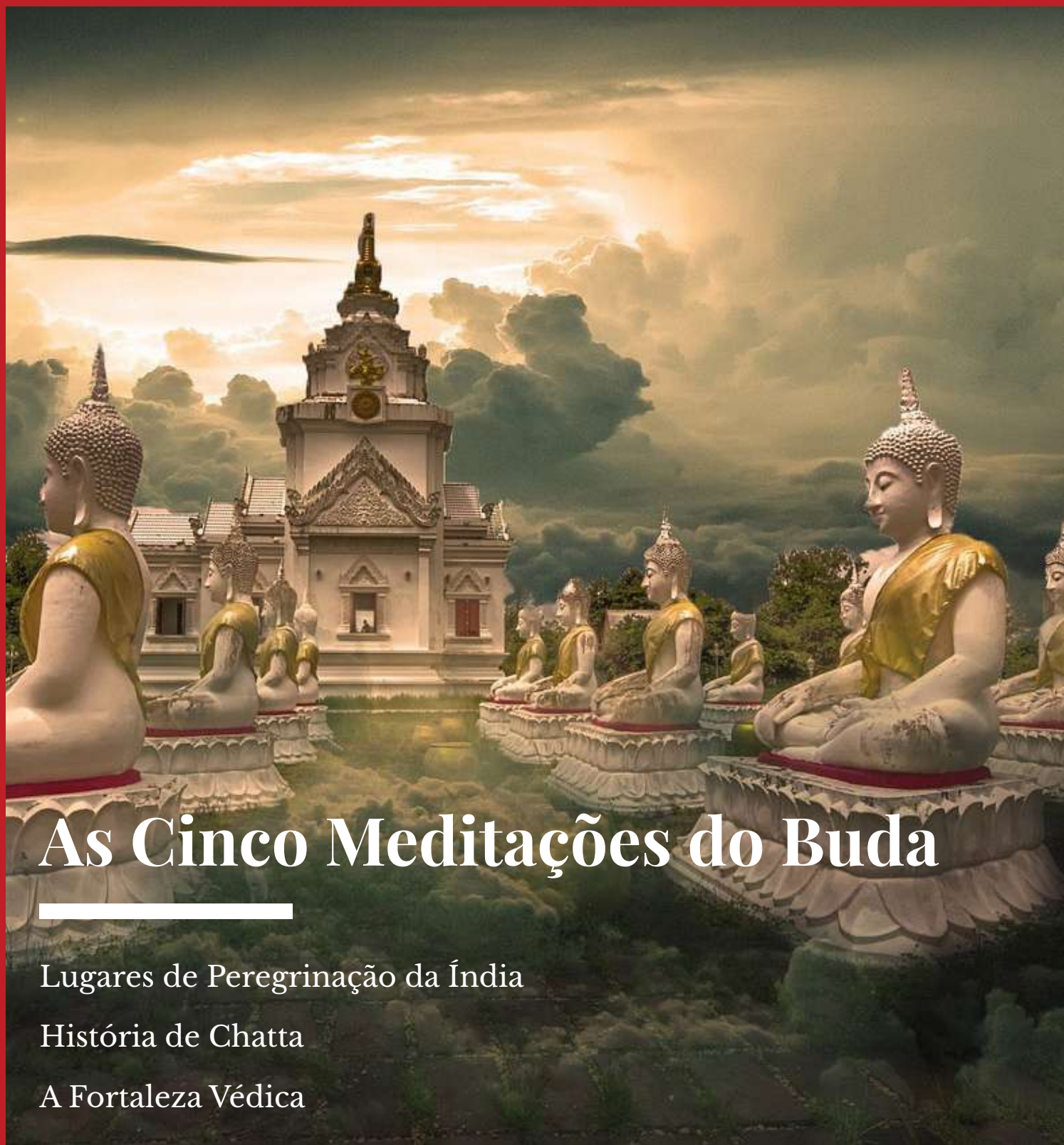


NÚMERO 13 | NOVEMBRO 2022

revistapandava.pt

pandava

व इवमेवैतानि व व न्वेव



As Cinco Meditações do Buda

Lugares de Peregrinação da Índia

História de Chatta

A Fortaleza Védica

REVISTA DA NOVA ACRÓPOLE

CONTEÚDOS

3 Lugares de Peregrinação da Índia
Por Pandava

**10 A História de Chatta
– Um Episódio na Vida do Senhor
Buddha**
Por C. Jinarajadasa

**16 Discussões sobre as Estâncias do
primeiro volume de A Doutrina
Secreta**
Por Helena Petrovna Blavatsky

23 A Religião do Buda
Por C. Jinarajadasa

33 As Cinco Meditações do Buda
Por Jose Carlos Fernández

**41 Flora Intestinal e Ciência
Budista**
Por Jose Carlos Fernández

48 A Metáfora da Fortaleza Védica
Por Ricardo Martins



Lugares de Peregrinação da Índia

Por Subba Row0)

A seguinte comunicação, que me foi enviada por um estudante de Ciências Ocultas, lançará alguma luz sobre o significado atribuído à antiga simbologia religiosa hindu, conforme ilustrado nos vários locais de peregrinação que abundam na Índia, e explica a grande veneração das massas da população hindu em relação a esses sítios. Ao falar de “peregrinação como meio de educação espiritual”, o referido correspondente escreve o seguinte:

“A insistência das tardias Escrituras bramânicas sobre as peregrinações como meio de educação espiritual é bem conhecida. Atualmente, dificilmente há um devoto hindu, de qualquer sexo e em qualquer parte da Índia, que considere os seus deveres religiosos cumpridos sem visitar os principais sítios de peregrinação. A este respeito, o hindu moderno difere tão completamente dos seus contemporâneos cristãos, que estes dificilmente acreditariam no grande número de peregrinos que

circulam anualmente pelo país para cumprir as suas obrigações religiosas e a que trabalho e despesas eles se colocam para tal propósito. Com o aspeto social da questão, o presente trabalho não se afeta, mas propõe-se examinar o que a peregrinação realmente boa na Índia produz na educação espiritual do povo e qual é a lógica desta instituição. Os sítios de peregrinação são tão numerosos e o seu significado esotérico é tão profundo, que qualquer coisa como completude, deve ser refutada pelo escritor. Ao mesmo tempo, expressa-se a esperança de que as linhas de investigação aqui indicadas possam ser acompanhadas por eruditos e místicos competentes, de modo que o carácter altamente benéfico das peregrinações possa ficar claro a todas as pessoas de mente aberta, e a grande sabedoria de seus ancestrais mostrados aos hindus dos dias atuais”.



Templo de Minakshi, em Madurai, Índia, importante centro de peregrinação. Licença Creative Commons.

“Em primeiro lugar, deve-se mencionar que as cidades sagradas dos hindus são centros espirituais bem organizados e poderosos, e deles irradia uma influência transcendente que não é menos ativa porque não é percebida pelo filisteu comum. Lugares de peregrinação são seminários verdadeiramente espirituais que, embora completamente fechados aos ociosos e supersticiosos na busca egoísta da santidade pessoal e da salvação pessoal, estão sempre abertos para receber o sincero e dedicado pesquisador da verdade. A declaração pode ser ousadamente feita e o apoio de todos os verdadeiros místicos podem ser confiantemente aguardados em seu nome, uma vez que não há lugar importante de

peregrinação na Índia que não goze da presença, na maioria dos casos permanente, de algum adepto ou iniciado de ordem superior, sempre pronto para apontar o caminho para a vida mais elevada em que ele mesmo entrou. É uma questão de experiência comum que os olhos espirituais das pessoas abriram-se nestas cidades sagradas, sob a influência benigna de alguns grandes Sadhu (homem sem pecado). Mas, por razões que serão facilmente compreendidas, a mão do devoto não deve procurar retirar o véu de obscuridade que encobre os homens santos e o seu trabalho. Os membros da irmandade silenciosa só falarão àqueles cujo Karma o merece. Shankaracharya diz:

दुर्लभं त्रयमेवैतत् देवानुग्रहहेतुकं। मुमुक्षुत्वं मनुष्यत्वंमहापुरुषसंश्रयः॥

“Estes três são difíceis de alcançar e são devidos ao favor dos deuses¹ (ou seja, o bom karma de nascimentos anteriores): - Humanidade, desejo de liberação e contacto com grandes homens de mente espiritual.”



Templo dourado de Benares, o sagrado Kashi Vishwanath. Licença Creative Commons

¹ Esta interpretação do termo “deuses” é aceita por todos os místicos.

“As cidades sagradas foram construídas, ou pelo menos concluídas, nas épocas tardias da história bramânica. Quando a espiritualidade da humanidade começou a ser obscurecida pela materialidade progressiva - consequência do desejo de prazer egoísta, o isolamento dos adeptos tornou-se maior e a sagrada língua sânscrita tornou-se cada dia menos compreendida. Como remédio para este grande mau cíclico, os santos da terra deixaram para o profano vulgar a arquitetura simbólica dos grandes templos, que ainda servem como direcionadores para o estudante místico. Poucas pessoas estão cientes que, enquanto o peregrino está na ponte dos barcos no Ganges, diante de Benares, ele está face a face com um mistério mais sublime e terrível, cuja grande importância apenas os iniciados superiores compreendem. Este mistério está representado pelo aspecto geral da cidade sagrada, cujos dois nomes sânscritos - Kaci e Varanaci - renderão uma mina de verdade ao investigador sincero. Não nos compete elucidar o assunto, por enquanto será suficiente o sugerir ao leitor um campo frutífero de investigação, onde cada um será recompensado de acordo com a sua seriedade e penetração espiritual.

“O que é Kaci?”

“A pergunta foi respondida em um bem conhecido tratado de um célebre místico, Satya Gnáná Nanda Tirtha Yati. Ele diz que Kaci é o poder supremo do grande Deus Shiva que é a felicidade indiferenciada, consciência e ser.² Shiva ou Paz, aqui representa o quarto estado não manifestado do universo. Ele é Chidakaca, seu outro nome é Vyoma ou espaço, o pequeno círculo ou ponto que é colocado no topo do místico sânscrito, símbolo Om (ॐ). Que relação tem com a força localizada no corpo humano acima das sobrancelhas e representada pelo ponto sobre a lua crescente, o místico sabe muito bem. Kaci é chamada a deusa que encarna a consciência e a felicidade, e é o

mesmo que a Shakti ou poder a quem os versos sagrados de Shankarácarya - *Ananda lahari* - são dirigidos. O grande mestre diz que se Shiva não está unida a Shakti, ele não pode produzir nem mesmo um sopro de bem-estar. Shakti é adorável de Hari, Hara e Viranchi. Ao girar a chave da simbologia aqui adotada, descobrimos que Hari ou Vishnu são o estado de sonho do universo, o primeiro aspecto diferenciado da escuridão, o destruidor ou removedor Hara. Embora Hara seja geralmente tomado como um sinónimo impreciso de Shiva, aqui é usado com o objetivo deliberado de sugerir que o estado transcendental do universo, simbolizado por Shiva, está além do estado do destruidor, assim como o estado *turiya* está além do *sushupti*. Shiva é Para-Nirvana, enquanto Hara é Nirvana. É facilmente compreensível como para a mente popular, nenhuma distinção é identificável entre Nirvana e Para-nirvana, Hari, como dissemos, é a primeira condição diferenciada percebida pelo ego humano. Ele é, portanto, o filho representado pelo signo de Leão no Zodíaco (veja o inestimável artigo do Sr. Subba Row sobre os ‘Doze Signos do Zodíaco’ no Theosophist Vol. III). Viranchi ou Brahma, o Criador, é a agregação do universo perceptível. Shakti está, portanto, acima desses três, e a consorte de Shiva. Isso explica por que Kaci é chamado *Tripuraraidhavi*, a residência real do destruidor das três cidades, a condição sintética indiferenciada dos três estados mencionados acima. No que diz respeito ao ego humano, as três cidades são os três corpos, grosseiro, sutil e causal, além dos quais está o espírito. A partir disso também fica claro que Kaci é o eterno *Chinmatra*, que foi bem explicado pelo Sr. Subba Row em seu artigo sobre ‘Deus Pessoal e Impessoal’-(Theosophist, Vol. IV). Também se torna evidente que em um de seus aspectos Kaci é *pragna*, na qual se percebe a grande fórmula ‘Tu és isso’. Este *pragna* é a mãe de mukti ou liberação, como todos os vedantinos sabem. O Trithayati diz: – ‘Eu saúdo aquele Kaci por cujo favor eu sou Śiva’, e sei que Śiva é o espírito de tudo o que existe. Kaci é *pragna*, *Buddhi*, *Shakti* ou *Maya*, os diferentes nomes do poder divino que domina todo o universo; na verdade, é um aspecto da Alma Una. O místico citado acima afirma, indo mais longe: – ‘Este Kaci

² A palavra Sat foi traduzida grosseiramente como “ser”, pois a língua inglesa não oferece uma palavra melhor; Ser-ness se permitido em inglês seria uma renderização mais adequada.

é o poder de Śiva, a consciência suprema, mas não diferente dele. Saiba que Kaci é o mesmo que Shiva e a suprema bem-aventurança. Kaci é aquilo pelo qual a realidade suprema do espírito se manifesta ou na qual é manifestada. Ela também é cantada como Chinmatra; eu saúdo-lhe, o Conhecimento supremo. Algures, o mesmo escritor chama Kaci de escuridão (Syámá).⁷ Essa Escuridão é a matéria indiferenciada do Cosmos, além da qual mora aquele que é da cor do sol, o espírito. Nos Salmos, este Asat ou Prakriti é referido numa passagem altamente poética: - ‘Há escuridão ao redor do seu pavilhão.’



Shiva e Parvati. Licença Creative Commons

“Krishna, o espírito supremo, é escuro na sua forma humana. Nenhum olho humano pode penetrar além desta divina escuridão. Em algumas obras de Vaishnava, afirma-se que em uma ocasião, Krishna

se transformou em Syámá em Kali (escuridão em seu aspecto feminino), assim sugerindo a verdade que se revela ao olho espiritual da intuição. Inconscientemente guiada pela luz superior, a igreja cristã acredita que Jesus Cristo era “negro e gracioso”, embora a passagem na Canção de Salomão em que a expressão ocorre, não tenha nenhuma relação com Cristo.

“Para retornar a Kaci em seu aspecto de Buddhi, deve-se lembrar que Buddhi é a primeira diferenciação de Prakriti. De acordo com Kapila, Buddhi é a terminação (*adhyava sáya*) na natureza de Prakriti, para evoluir o egoísmo. Buddhi tem três condições ou aspectos. Sua própria condição essencialmente pura é aquela em que é idêntica a Prakriti, na qual as três qualidades substantivas de: bondade (*satva*), atividade passional (*rajas*) e ilusão (*tamas*), estão em estado de equilíbrio e, nesse sentido, não existente. Este Buddhi é a mãe da salvação; de fato, é a salvação. Quando sob a influência de *rajas*, predomina a qualidade de *satva*, quatro coisas são geradas: - a prática da virtude (*dharma*), desapego (*vairagya*), os poderes espirituais (*aisvarya*), e finalmente, a salvação, quando pelo excesso de bondade, Buddhi retorna ao seu estado original de pureza. Quando sob alguma influência *tamas* predomina, os quatro opostos do que foi dito acima são produzidos. *Tamas*, pelo seu poder envolvente (*ávaran sakti*) faz a única realidade no universo aparecer como o universo diferenciado da matéria, e então *rajas*, por seu poder expansivo (*vikshepa sakti*), produziu as paixões que são a causa da escravidão.

“Estas três condições de Buddhi, o Trithayati, dá como aspectos de Kaci: - Nirvishesha (indiferenciado), Suddha (puro, quando a qualidade *sâtva* predomina) e *jada* (quando *tamas* predomina). Aquele sob o domínio de *tamas*, vê o Kaci geográfico como a realidade:

दोत्ररूपाजडाकाशी।

“O Suddha Kaci é a consciência abstrata ainda limitada pelas formas:—”

मूर्तिरूपातुयाकाशी शुद्धसाचिन्मयोसती।

“Aquele sob o domínio da qualidade *satva* pratica a virtude, ainda atribuindo o bem e o mal à natureza ao seu redor”.

“Em sua condição de Nirvishesha, Kaci é autoexistente em sua glória, e é o Deus supremo de Shiva e de todas as almas liberadas:”

पूर्णरूपा स्वमाहात्म्यं स्वयमेवविचारयेत्।
निर्विशेषांतुमुक्तानां शिवस्यचपरागतिः ॥

“Agora vamos entender por que geralmente se acredita que a residência em Kaci remove todos os pecados cometidos em outros lugares, mas um pecado cometido no templo do Senhor, o próprio Kaci, torna incapaz de receber a graça-a referência sendo o mal espiritual, o pecado contra o Espírito Santo, para o qual não há remissão. O desgraçado que conhece a verdade e segue o caminho da mão esquerda está condenado à miséria sem fim no Avitchi Nirvana.

“O Tirthayati diz:—”Terrível realmente é o sofrimento de quem comete um pecado em Kaci. Alas! o estado de uma Rudra pisácha que o pecador atinge é mais intolerante do que o sofrimento de todos os infernos.”

“Pela aquisição do conhecimento verdadeiro todos os pecados consumidos pelo fogo aceso na lareira do coração (chidagni kundam), mas não há esperança para a alma condenada que assassina o seu espírito, tanto quanto possível, pela prática da magia negra.

“Sem prolongar o presente artigo, o aluno pode ser recomendado ao Skanda Purana para obter mais informações sobre este assunto; e, em conclusão,

pode-se afirmar que o ocultista prático obterá grande benefício de um estudo adequado do tratado de Trithayati, que foi aqui tão amplamente citado.”



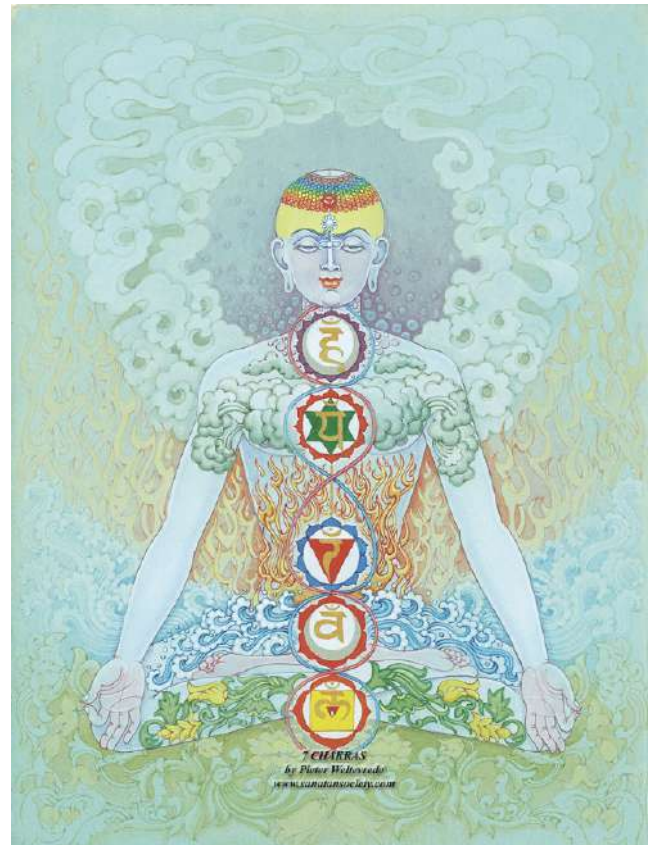
Fresco de Shiva Nataraja no Templo do Deus em Chidambaram.
Licença Creative Commons

Acrescentarei algumas observações à comunicação anteriormente citada. Não será exagero dizer que os segredos da antiga ciência arcaica, para a qual um investigador procurará em vão os livros místicos do Oriente, são frequentemente representados simbolicamente em alguns dos lugares de peregrinação mais célebres da Índia. As ideias misteriosas geralmente associadas à posição de Benares (Kaci), sua história passada e seus inumeráveis deuses e deusas, contêm indicações mais claras dos segredos da iniciação final do que uma grande quantidade de livros sobre filosofia do Yoga. Olhe novamente para Chidambaram e examine cuidadosamente o plano em que seu célebre templo foi construído por Patanjali, à luz das doutrinas cabalísticas, caldeias, egípcias e

hinduístas relativas ao grande mistério do Logos. Você é mais propenso a entrar neste mistério por tal curso de estudo ao invés de examinar todas as declarações obscuras dos antigos iniciados em relação à voz sagrada do grande véu profundo e impenetrável de Ísis. Os maçons estão buscando em vão o delta de ouro perdido de Enoque; mas um fervoroso buscador da verdade que compreendeu as regras de interpretação que são aplicáveis a tais assuntos não achará muito difícil descobrir esse delta em Chidambaram. Da mesma forma, vários segredos ocultos encontram sua verdadeira interpretação e explicação em Srisylam, Ramanal, Jugganath, Allahabad e outros lugares, justamente considerados sagrados, devido às suas várias associações, pelos seguidores da religião hindu. Seria necessário vários volumes para explicar os símbolos sagrados ligados a esses lugares e seu significado místico, e interpretar de maneira adequada os Sthalapuramams relacionados a ele. Em tempos antigos, como nenhum escritor era permitido que divulgasse em linguagem clara os segredos da ciência oculta para o público, e como livros e bibliotecas poderiam ser facilmente destruídos, quer pela devastação do tempo ou o vandalismo de invasores bárbaros, foi pensado para preservar, em benefício da posteridade, em edifícios fortes e duradouros de granito, alguns dos maiores segredos conhecidos pelos arquitetos destes edifícios, sob a forma de sinais e símbolos. A mesma necessidade que trouxe à existência a Esfinge e a grande pirâmide levou os antigos líderes religiosos hindus a pensar em construir esses templos, e expressar em pedra e metal o significado oculto de suas doutrinas. Algumas explicações e sugestões serão suficientes para justificar as afirmações anteriores e indicar de que forma é que esses símbolos devem ser interpretados.

Um versículo Sânscrito é frequentemente repetido pelos hindus, que diz que as viagens para sete lugares de peregrinação garantirão Moksha ao devoto. Estes lugares são enumerados assim: (1) Ayodhya, (2) Mathura, (3) Maya, (4) Kaçi (Benares), (5) Kanchi (Conjiveram), (6) Avantika (Ojeen), e (7) Dwaraka. Agora, esses lugares são destinados a representar os sete centros de Bioenergia no corpo

humano, conhecidos como (1) Sahasram, (2) Agnya, (3) Visuddhi, (4) Anahatam, (5) Swadhisthanam, (6) Manipurakam e (7) Thamularam respectivamente. As ideias associadas a esses lugares se tornarão inteligíveis quando examinadas pela luz das doutrinas conectadas a esses centros de força pelos yogis.



Os Sete Chakras, um dos significados ocultos dos 7 Centros de Peregrinação dos textos sagrados.
Licença Creative Commons

Geralmente, os Hindus acreditam que a morte em Benares garante a emancipação final da necessidade de um renascimento. Essa crença é tão forte na mentes das pessoas comuns que leva um número considerável a recorrer a este lugar todos os anos com o propósito de permanecer lá até morrer.

Isso certamente parece ser uma superstição ridícula. Mas uma grande verdade espiritual está à espreita por trás dessa estranha crença. Esta verdade se tornará aparente quando verificarmos o que a morte em Benares realmente significa. Do arranjo

precedente dos sete lugares sagrados aludidos, ver-se-á que Benares corresponde ao coração no corpo humano, no centro do qual está localizado o chakram Anahata dos yogis; e a verdade desta inferência é reforçada pela maneira pela qual Kaçi é descrito no Sankalpam (recitação preliminar antes de tomar banho ou iniciar qualquer culto). Diz-se aí que Benares está entre Asi e Varuna; que está situado em Anandavana; que está em Mahasmasana (ou o grande cemitério ou cemitério); que está em frente a Gouri; que é sustentado pelos três pontos do tridente de Siva; que é no meio de Brahma Nalam (a passagem estreita de Brahma), indo para o norte, e que é no final de Mani (Manikarnika significa Pranavakarnika). Pode ser facilmente visto agora o quão longe esta é uma representação figurativa do chakra Anahata dos yogis. Este chakra está entre os dois Nadis. Idá e Pingalá no corpo humano, que são representados pelos dois pequenos fluxos que Asi e Varuna nomearam na descrição acima referida. O estado de êxtase é percebido quando a consciência está centrada no germe de Pragna, que é colocado neste chakra, e, portanto, Benares é um Anandavan, o que significa literalmente um jardim de prazer. Quando essa centralização da consciência no germe de Pragna é assegurada, a consciência objetiva realizada no corpo físico e no corpo astral cessa inteiramente; conseqüentemente, antes da consciência espiritual do espírito regenerado (o Cristo após a ressurreição) Quando o homem é despertado, a condição realizada pode ser comparada à do sono sadio ou sushupti-a morte do Cristo encarnado, a morte do homem individual. Este é o tempo da grande paz e calma após a tempestade. Daí Kaçi ou Anahata chakra, em que esta condição é realizada, é o grande cemitério ou terreno em chamas, como cada coisa, o ego e o não-ego, parece estar morto e enterrado por enquanto. Gouri é a Sophia dos Gnostics e a Ísis dos egípcios. Quando essa condição, a de Pragna, é alcançada, o espírito está diante da luz e da sabedoria divinas e pronto para contemplar a misteriosa Deusa sem o véu, assim que seus olhos espirituais se abrem do outro lado do Cosmos.

Benares fica em Gourimukham. Esta condição marca novamente o término das três condições

de consciência experimentadas pelo espírito encarnado, viz. as condições ordinárias, clarividentes e devacânicas. Esses três estados de Pragna diferenciada são os três pontos do tridente de Siva. Novamente Anahata chakra está no Sushumna Nadi-uma passagem misteriosa e estreita que atravessa a medula espinhal para a coroa da cabeça através do qual vital a eletricidade flui, e Benares é, portanto, dito estar em Brahmanalam, que é outro nome para Sushumna Nadi. Além disso, a condição acima aludida é representada pelo ponto sobre Pranava, como nosso correspondente diz, e, portanto, Benares é descrito como Mani-karnika.

Assim, será assim visto que Benares é uma representação simbólica externa do chakra Anahata dos yogis. A morte em Benares, portanto, significa a concentração de Pragna na consciência germinativa original, que constitui a individualidade real do homem. Deve-se ainda notar que Sahasram representa o pólo positivo e mulatharam o pólo negativo no corpo. Da misteriosa união de suas energias no coração a voz sagrada e irreprimível (Anahata) é gerada no ckakra Anahata. Esta voz é ouvida quando a atividade tempestuosa da existência consciente termina na morte de Sushupti, e das cinzas do homem individual o homem regenerado surge na existência eletrificado por esta “canção da vida.” Por isso, afirma-se que quando um homem morre em Benares, Rudra (uma forma de manifestação de Thoth, o iniciador), comunica-lhe o segredo do Logos e assegura moksha para ele. Ficará claro agora que a crença popular está cheia de significado para um estudante de Ocultismo. Da mesma forma, as tradições ligadas a todos os outros locais importantes de peregrinação produzirão muitas informações valiosas quando devidamente interpretadas.

A HISTÓRIA DE CHATTA¹

Quando o Senhor habitava no Bosque de Jeta, no Savatthi, lá vivia, em Setavya, um rapaz chamado Chatta, filho de um Brâmane que por muito tempo não tinha tido filhos. Quando chega à idade escolar, é enviado à cidade de Ukkattha pelos seus pais, para ficar com Pokkharasati, um instrutor Brâmane. Como era inteligente e aplicado, domina rapidamente os Vedas e as Ciências, e torna-se num mestre na cultura dos Brâmanes.



Buda do mosteiro de Tapa Shotor, em Hadda, Afeganistão, século II d. C.

Licença Creative Commons

Então, com reverência, ele dirigiu-se ao seu mestre: “eu aprendi contigo as ciências; quanto devo pagar-te?”

“O pagamento ao mestre deve ser feito de acordo com as posses do aprendiz; traz-me mil peças de ouro”.

Desta forma, Chatta, despede-se do seu mestre e retorna à casa dos seus pais, em Setavya. Eles recebem-no com alegria. Após as saudações, ele menciona-lhes a questão e diz:

“Dar-me-ão vocês o que é devido? Posso retornar ainda hoje.”

O seu pai e a sua mãe respondem:

“Meu querido, não é auspicioso viajar hoje; deixa para amanhã.”

Então, recolhem as peças e ouro, colocam-nas numa bolsa e dão-lhe-as.

Neste momento, os ladrões ouvem a conversa e escondem-se nas sombras da floresta por onde Chatta passaria. “Mataremos o rapaz e levaremos o ouro”, dizem.

Então, o Senhor, no momento em que começava a irradiar a Sua grande compaixão sobre os homens, examina o mundo e vê que se Chatta pudesse estabelecer-se nos Refúgios e na Moralidade², imediatamente alcançaria os céus ao ser morto pelos ladrões; e ainda que, se tivesse que voltar com sua Casa Dévica³, ele poderia estabelecer na Verdade a multidão para a qual ele aparecesse. Portanto, o Senhor adianta-se e senta-se ao pé de uma árvore na estrada que Chatta pegaria.

Ao receber o presente para o seu mestre, o jovem deixa Setavya e segue a estrada para Ukkattha; no caminho, ele vê o Senhor sentado. Ele aproxima-se e posiciona-se ao seu lado.

¹ Traduzido do Pali. Os versos isolados, sem a parte narrativa, aparecem na seção do Cãnone Budista conhecido como Vinaya Vatthu, do Khuddhaka Nikaya, do Sutta Pitaka; os versos, com a história de sua composição, aparecem no comentário do Dhammapada chamado de Paramatha Dipani. Esta tradução [ao inglês] foi feita diretamente dos comentários do Dhammapala.

² Estes são totalmente explicados ao longo da história. Os Refúgios são Buddha, a Sua Verdade e a Sua Irmandade; a Moralidade são os Cinco Preceitos para o leigo.

³ Esta Casa Dévica é, em Pali, “vimana”. Presume-se que é a aura de um Deva, e diz-se que se estende por quilômetros, que ele viaja com ela.

“Para onde vais?”, diz o Senhor.

“Ó Gotama, vou a Ukkattha levar o pagamento ao mestre Pokkharasati”, respondeu Chatta.

Então, o Senhor, “filho meu, conheces os Três Refúgios e os Cinco Preceitos?”

“Não, Senhor; o que são e para que servem?”

“São estes”, diz o Senhor; e explica-lhe a “Entrada para os Refúgios” e a “Prática da Moralidade”. Então, diz:

“Meu Filho, primeiro aprende a entrar nos Refúgios.”

“Senhor, eu aprenderei bem, ensina-me”, disse Chatta.

Tal como solicitado pelo jovem, o Senhor recita, em forma poética, para a adequar à inclinação do rapaz, três versos⁴ que descrevem o caminho para entrar no Refúgios:

*O Supremo Mestre dos mestres entre os Homens é o Senhor, o Sábio dos Sakyas; Ele atingiu a perfeição e alcançou o Nirvana, e está repleto de força e de energia.
A Ele, o Abençoado, ide vós ao Refúgio.*

*A Verdade liberta-nos da paixão, do desejo e da tristeza; ela gera-se a si própria, é acolhedora, doce, simples e lógica.
À Verdade ide vós ao Refúgio.*

4 O autor fornece abaixo estes três versos no original em Pali, uma vez que são tão conhecidos pelos jovens budistas. A única diferença entre os traduzidos acima e os entoados pelos jovens é a última de cada verso; o senhor diz “upehi” – ide vós; os jovens entoam, como abaixo, “upemi” – eu vou.

Yo vadatam pavaro manujesu,
Sakyamuni Bhagava katakicco,
Paragato balaviriyasamangi,
Tam Sugatam saranttham upemi.
Ragaviragam anejam asokam,
Dhammam asankhatam appatikulam,
Madhuram imam pagunam suvibhattam,
Dhammam imam saranattham upemi,
Yattha ca dinnam mahppahlam aju,
Catusu sucusu purisaryugesu,
Attha ca puggala dhammada te,
Sangham imam saranattham upemi.

*Existem Quatro Graus dos Indivíduos Santos, que perfazem Oito Categorias⁵; servi-las verdadeiramente resulta em recompensa grandiosa.
À Irmandade ide vós ao Refúgio.*

O Senhor ensina, com estes três versos, os Atributos dos Refúgios e as Formas de Entrar nos Refúgios; e logo de seguida o rapaz repete versos como “O Supremo Mestre dos mestres” e assim por diante, para mostrar que os captou com firmeza. Da mesma forma, repete o que lhe foi dito sobre os Cinco Preceitos, a natureza de cada um e as suas consequências; dando a entender que ele “adotou os Preceitos” na devida forma.

Com rápida percepção e a mente alegre, “E agora, Senhor, devo partir”, diz ele. Ele, então, prossegue no seu caminho, recordando as virtudes das Três Gemas⁶.

O Senhor, então, retorna para o Bosque de Jeta, dizendo “Suficiente é o poder do mérito disso para dar-lhe o nascimento no Mundo dos Devas”.

Agora, o jovem está determinado de que obteria as virtudes das Três Gemas, e que se estabeleceria nos Refúgios, como foi ensinado pelo Senhor. Conforme segue no seu caminho com alegria e repetindo “Vou para o Refúgio”, ele é localizado pelos ladrões; ele não tinha qualquer ideia da sua presença, uma vez que estava absorvido pelo pensamento nas virtudes das Três Gemas. Um dos ladrões sai de um arbusto e rapidamente atira uma flecha envenenada e mata-o. Então, recolhe a bolsa de ouro e foge com os seus colegas.

5 O Senhor proclamou que a Sua Sangha – A Irmandade dos Discípulos – fosse composta apenas por aqueles que estivessem “no Caminho”. Todos os outros budistas são leigos.

Aqueles que estiverem no Caminho estão nos quatro Graus e, de acordo com o seu Grau, um Discípulo do Senhor pode ser: 1) Çrota-apatti, “aquele que adentrou na Corrente”; 2) Sakridagami, “aquele que volta a nascer uma vez”; 3) Anagami, “aquele que não volta a nascer”; ou 4) Arahat, “o venerável”. Os membros de cada Grau são ainda subdivididos em 2 Categorias: a primeira, dos que acabaram de atingir o Grau e se encontram no seu “magga”, ou início; e a segunda, dos que alcançaram o seu “phala” ou realização, e assim estão prontos para passar ao próximo Grau.

6 O Buddha, a Sua Verdade e a Sua Irmandade.



O Buda nos seus últimos dias, e o seu discípulo Ananda. Licença Creative Commons

Assim que morre, o jovem nasce no paraíso Tavatimsa com a Casa Dévica de trinta yojanas⁷; o seu esplendor estende-se por mais vinte yojanas.

Quando os habitantes próximos de Setavya percebem que o jovem estava morto, correm para Setavya e dão a notícia ao seu pai e à sua mãe; os habitantes próximos de Ukkattha vão a Ukkattha e contam ao Brâmane Pokkharasati. Ao receberem a notícia, pai, mãe, familiares, amigos, Pokkharasati e os seus serventes dirigem-se ao local, lamentando com semblantes chorosos; também se reúnem em grande número os habitantes de Setavya, Ukkattha e Icchamangala, e fazem uma grande reunião. Os pais do jovem, assim, fazem uma pira funerária ao lado da estrada e iniciam as cerimónias para o morto.

Então, o Senhor pensa: “O miúdo Chatta virá reverenciar-me se eu for até lá; devo fazê-lo descrever todo o ocorrido e demonstrar o resultado do Karma; assim, devo proclamar a Verdade, e o

povo compreenderá o que Ela é”. Desta forma, Ele vai ao local, acompanhado por um grande número dos seus discípulos, e senta-se ao pé de uma árvore, irradiando as seis cores dos raios do Buddha⁸.

Agora, Chatta olha para a sua própria beatitude, e busca a sua causa; ele dá-se conta de que é devido à sua Entrada nos Refúgios por Adotar os Preceitos. Preenchido por alegria e cheio de reverência pelo Senhor, ele pensa como gratidão: “De facto, irei e venerarei o Senhor e os Seus discípulos, e proclamarei aos ouvintes as virtudes das Três Gemas”. Então ele segue com a sua Casa Dévica, e iluminou com brilho todo o campo no entorno; ao sair da sua aura em glória, ele revela-se. Ele aproxima-se do Senhor e ajoelha-se aos seus pés em reverência; então, levando as suas mãos à testa, permaneceu ao seu lado.

7 Um “yojana” representa aproximadamente dezenove quilômetros.

8 Estas são as cores da aura do Senhor, que se estendem por aproximadamente cinco quilômetros; muitos que viam tais cores no ar sabiam que o Senhor estava próximo. As cores são arranjadas em esferas concêntricas e são azul, amarela, rosa, branca, laranja dourado e “brilhante”; a última, a cor da esfera mais externa, é feita de cinco cores sucessivas.



Brinco Triratna (As Três Jóias ou Triplo Refúgio no Dharma, no Buddha e no Sangha), em Uttar ou Madhya Pradesh, do período Shunga, no Museu Cleveland de Arte. Licença Creative Commons

Quando a multidão o vê, exclamam com espanto: “Quem é esse? É um Deva ou o próprio Brahma?”, e vieram ter com o Senhor e juntar-se em seu entorno. O Senhor, então, se dirige ao anjo ⁹da seguinte forma, para manifestar o resultado de um Karma com mérito:

Nem o sol no céu, nem a lua, nem Phussa ¹⁰brilham com tamanho esplendor como brilha a sua luz incomparável. Por que vieste dos céus para a terra?

Por vinte yojanas e mais ainda espalha-se a luz da sua aura, imaculada, pura e bela; ela ultrapassa os raios do sol e fazem a noite tornar-se dia.

Miriades de lótus, brancos e vermelhos, e flores de várias cores adornam-no; coberto por lindas redes de ouro, brilham no céu como o sol.

Assim como as estrelas se movem densamente no céu, movem-se ali as belas deusas em mantos carmesins e véus dourados enfeitados; com a tez como o ouro, e aromatizadas com perfumes de sândalo, píngala e aloés.

⁹ Chatta em seu corpo Dévico.

¹⁰ Uma estrela em Carangueijo, cuja luz se diz que persiste para sempre.

Ali, deuses e deusas movem-se, multicoloridos e incontáveis, vestidos em ouro, adornados com ornamentos de ouro; alegres eles são, enfeitados com guirlandas que espalham o perfume conforme as brisas as movem.

Como chegaste a possuir tal morada? Qual foi a purificação que te trouxe este fruto do Karma? Fala, filho, e responde.

O anjo responde com estes versos:

O senhor encontrou um jovem ao lado desta estrada, e na Sua compaixão deu-lhe instruções; “Obedecerei”, disse Chatta, quando ouviu os ensinamentos sobre as Suas nobres Gemas.

“Refugio-me no Conquistador Poderoso, na Sua Verdade, e nos Seus Discípulos”. – Não os conheço, disse quando fui questionado pela primeira vez; porém, em seguida, segui os ensinamentos que me deu, Senhor¹¹.

“Não tomeis a vida de forma alguma; isso é um pecado e o sábio não enaltece a negligência com as criaturas.” – Não conheço, disse quando fui questionado pela primeira vez; porém, em seguida, segui os ensinamentos que me deu, Senhor.

“Não pense em tomar aquilo que não lhe é dado e é possuído por outro.” – Não conheço, disse quando fui questionado pela primeira vez; porém, em seguida, segui os ensinamentos que me deu, Senhor.

“Não procure a esposa de outro, que está sob sua proteção; isso é uma desonra.” – Não conheço, disse quando fui questionado pela primeira vez; porém, em seguida, segui os ensinamentos que me deu, Senhor.

¹¹ As palavras do Senhor neste e nos cinco versos seguintes constituem a simples cerimônia conhecida como “Entrada nos Refúgios e Adoção dos Preceitos”. Suas palavras estão ligeiramente alteradas; o primeiro verso está ampliado em três frases: “Eu me refugio no Buddha, eu me refugio na Verdade, eu me refugio na Irmandade”; os Cinco Preceitos não são, como aqui, mandamentos do Senhor, mas promessas que os leigos fazem a si mesmos – “Eu adoto o Preceito de abster-me de tomar a vida”, etc.

“Não diga nunca qualquer falsidade; o sábio não enaltece palavras que não são verdadeiras.” – Não conheço, disse quando fui questionado pela primeira vez; porém, em seguida, segui os ensinamentos que me deu, Senhor.

“Abstenha-se de toda bebida que roube a mente do homem.” – Não conheço, disse quando fui questionado pela primeira vez; porém, em seguida, segui os ensinamentos que me deu, Senhor.

Portanto, adotei os Cinco Preceitos e encaminhei-me na direção da Verdade do Senhor. Pela estrada onde os ladrões me esperavam e, por causa do ouro, me mataram.

Somente do meu acto de dedicação me lembro; além disso, não resta mais nada em mim. Pelo mérito do meu acto, eu nasci no paraíso cheio de alegria.

Vê o mérito de seguir a Lei mesmo que por um momento; e muitos são invejosos quando me vêem reluzindo em glória.

Por causa de uma simples instrução, vê como o paraíso é a minha recompensa e como sou feliz; aquele que seguir diariamente a Doutrina, creio que alcançará a paz e a imortalidade.

Grandiosa é a recompensa, mesmo de uma pequena ação, pois grandioso é o fruto de seguir a Doutrina do Senhor. Vê agora Chatta que, através dos seus méritos, enche a terra de luz, assim como o sol.

“O que é Virtude e como devemos alcançá-la?” – Perguntam os homens ao reunirem-se. Agora que, novamente, sustento uma forma humana, que eu possa ser firme no propósito de viver cumprindo os Preceitos.

“O Senhor é repleto de bondade amorosa e compaixão.” – Então lembrei-me de tudo o que aconteceu [eu havia sido assassinado]. Vê-me agora apelar à Vossa Verdade; sê grato por ouvirmos a Sua Doutrina.

Então ele fala, em ação de graça, e mostra que não pode haver saciedade ao servir o Senhor ou ao ouvir a Doutrina. O Senhor observa o desejo do anjo em nome da audiência lá reunida e concede-lhes um sermão; e ao vê-los recetivos, expõe gradualmente as verdades mais elevadas.

Findo o sermão, o anjo, o seu pai e a sua mãe, obtém o fruto do Primeiro Degrau, e a multidão percebe a Verdade.

Estabelecidos agora no fruto do Primeiro Degrau¹², o anjo visualiza o benefício para os seus pais se avançarem mais no Caminho, e então, com essa visão, diz:

Aqueles que renunciarem à luxúria, ao desejo pela vida e à ilusão¹³, nunca mais serão aprisionados num útero. Para a Paz irão, ao Nirvana.

Então o anjo faz saber que, ao aceitar os ensinamentos de como atingir o Nirvana, ele havia obtido o fruto do Primeiro Degrau. Então, três vezes ele caminha ao redor do Senhor em reverência; e despedindo-se dos seus pais, retorna aos céus.

O Senhor levanta-se e parte com os Seus Discípulos, e os pais do jovem e o Brâmane Pokkharasati e todos os presentes acompanham-no por um momento e regressam. Ao chegar nos Bosques de Jeta, Ele explica tudo à Irmandade reunida. E o grupo recebe o Discurso com grande benefício.

¹² O primeiro dos quatro grandes Degraus no Caminho, o do Çrota-apatti, “o que adentrou a Corrente”.

¹³ Os três grilhões no Caminho; o referido Degrau é o do Anagami, “aquele que não retorna”, ou seja, o que se torna um Arahata na própria vida.



Discussões sobre as Estâncias do primeiro volume de A Doutrina Secreta

Por Helena Petrovna Blavatsky¹

P. Qual é o verdadeiro significado de Manvantara, ou melhor, Manu-antara?

R. Significa realmente “Entre dois Manus”, dos quais há quatorze em cada “Dia de Brahma”, tal “Dia”

¹ Extraído da versão resumida de Transactions: <https://www.theosociety.org/pasadena/sdcommnt/sdc-hp.htm>

consistindo de 1.000 agregados de quatro eras ou 1.000 “Grandes Idades”, Mahayugas. Quando se analisa a palavra “Manu” verifica-se que os orientistas afirmam que vem da raiz “Homem” pensar, daí o homem pensante. Mas, esotericamente, todo Manu, como patrono antropomorfizado de seu ciclo especial, ou Rodada, é apenas a ideia personificada do “Pensamento Divino” (como o Pimandro Hermético). Cada um dos Manus, portanto, é o deus especial, o criador e modelador de tudo o que aparece durante seu próprio ciclo de ser ou Manvantara.



Helena Petrovna Blavatsky. Licença Creative Commons

P. Manu é uma unidade também da consciência humana personificada, ou é a individualização do Pensamento Divino para propósitos manvantáricos?

R. De ambos, já que a “consciência humana” é apenas um Raio do Divino. Nosso Manas, ou Ego,

procede e é o Filho (figurativamente) de Mahat. Vaivasvata Manu (o Manu de nossa quinta raça e da Humanidade em geral) é o principal representante personificado da Humanidade pensante da quinta raça-raiz; e, portanto, ele é representado como o Filho mais velho do Sol e um Ancestral Agnishwatta. Como “Manu” é derivado do homem, para pensar, a ideia é clara. O pensamento em sua ação sobre o cérebro humano é infinito. Assim Manu é e contém a potencialidade de todas as formas pensantes que serão desenvolvidas na Terra a partir desta fonte particular. No ensinamento exotérico ele é o começo desta terra, e dele e de sua filha Ila nasce a humanidade; ele é uma unidade que contém todas as pluralidades e suas modificações. Cada Manvantara tem assim o seu próprio Manu e deste Manu procederão os vários Manus, ou melhor, todos os Manasa dos Kalpas. Como analogia, ele pode ser comparado à luz branca que contém todos os outros raios, gerando-os ao passar pelo prisma da diferenciação e da evolução. Mas isso pertence aos ensinamentos esotéricos e metafísicos.

P. É possível dizer que Manu está em relação a cada Manvantara como o Primeiro Logos está em relação ao Mahamanvantara?

R. É possível dizer isso sim, se você quiser.

P. É possível dizer que Manu é uma individualidade?

No sentido abstrato certamente não, mas é possível aplicar uma analogia. Manu é talvez a síntese do Manasa, e ele é uma única consciência no mesmo sentido que enquanto todas as diferentes células que compõem o corpo humano são consciências diferentes e variadas, ainda há uma unidade de consciência que é o homem. Mas esta unidade, por assim dizer, não é uma consciência única: é um reflexo de milhares e milhões de consciências que um homem absorveu. Mas Manu não é realmente uma individualidade, é toda a humanidade. Você pode dizer que Manu é um nome genérico para os Pitris, os progenitores da humanidade. Eles vêm, como mostrei, da Cadeia Lunar. Eles dão à luz a humanidade, pois, tendo se tornado os primeiros homens, dão à luz outros, desenvolvendo suas

sombras, seus eus astrais. Eles não apenas dão à luz a humanidade, mas também os animais e todas as outras criaturas. Nesse sentido é dito nos Puranas dos grandes Yogis que eles deram à luz, um a todas as serpentes, outro a todos os pássaros, etc. Os Pitris recebem sua luz mental superior do Sol ou do “Filho do Sol”. Até onde você sabe, Vaivasvata Manu pode ser um Avatar ou uma personificação de MAHAT, comissionado pela Mente Universal para liderar e guiar a Humanidade pensante adiante.

P. Aprendemos que a humanidade aperfeiçoada de uma Ronda se torna os Dhyani-Buddhas e os governantes orientadores do próximo Manvantara. Que influência tem então Manu sobre as hostes dos Dhyani-Buddhas?

R. Ele não tem nenhuma influência – em ensinamentos exotéricos. Mas posso-lhe dizer que os Dhyani-Buddhas não têm nada a ver com o trabalho prático inferior do plano terrestre. Para usar uma ilustração: o Dhyani-Buddha pode ser comparado a um grande governante de qualquer condição de vida. Suponha que fosse apenas o de uma casa: o grande governante não tem nada a ver diretamente com o trabalho sujo de uma empregada de cozinha. Os Dhyanis superiores evoluem hierarquias cada vez

mais baixas de Dhyanis cada vez mais consolidadas e mais materiais até chegarmos a esta cadeia de Planetas, sendo alguns destes últimos os Manus, Pitris e Ancestrais Lunares. Como mostro no Segundo Volume da Doutrina Secreta, esses Pitris têm a tarefa de dar à luz o homem. Eles fazem isso projetando suas sombras e a primeira humanidade (se é que pode ser chamada de humanidade) são os Chhayas astrais dos Ancestrais Lunares sobre os quais a natureza física constrói o corpo físico, que a princípio não tem forma. A Segunda Raça está cada vez mais formada e sem sexo. Na Terceira Raça tornam-se bissexuais e hermafroditas e, finalmente, separando-se, a propagação da humanidade procede de diversas maneiras.

P. Então o que você quer dizer com o termo Manvantara, ou como você explicou Manu-antara, ou “entre dois Manus”?

R. Significa simplesmente um período de atividade e não é usado em nenhum sentido limitado e definido. Você tem que deduzir do contexto da obra que está a estudar qual é o significado do Manvantara, lembrando-se também que o que é aplicável a um período menor também se aplica a um período maior e vice-versa.



Cinco Dhyanis Budhas. Licença Creative Commons



Mindfulness, Uso e Abuso

Por Juan Martín

Qual é a diferença entre ser simplesmente bom e parecer socialmente um cavalheiro ou uma dama?

Uma simples pesquisa na Internet sobre o significado de Mindfulness retorna um resultado de 1.430.000.000 páginas. Não há discussão, é um assunto da moda. Cursos, seminários, livros, artigos, palestras, tudo está cheio de Mindfulness.

Como aconteceu na Califórnia do século XIX, os garimpeiros aguçam o seu olfato, farejam o

horizonte, encontram a palavra mágica e organizam cursos de fim de semana de Mindfulness. O sucesso é garantido, porque a grande maioria das pessoas:

- a) constata o estado de desamparo psicológico em que se encontram, a ansiedade com que vivem, a falta de objetivos claros, e também...
- b) querem soluções fáceis, algo que pode ser aprendido num curso de fim de semana ou num livro que traga uma rápida mudança nas suas vidas.

O pior é que sob esse nome se esconde algo muito importante, algo muito sério, uma solução real para os problemas e enigmas do ser humano. Mas tudo isso está enterrado no lixo do consumismo rápido, de “Aprenda inglês em 7 dias”, e do “Método para perder 20 kg de peso em duas semanas”.

Aqueles que entendem, dizem que “por coincidência”, toda vez na história que uma fonte de sabedoria foi aberta, um impulso civilizador, imediatamente

a sua sombra negra, o irmão negro, apareceu por trás dela, a fim de desfazer toda a esperança de redenção para a humanidade sofredora.

As escolas de filosofia da antiguidade clássica, quase imediatamente se viram imersas na lama das chamadas escolas sofisticas, daquelas que ensinavam como enganar melhor e sair vencedor em qualquer discussão, ou seja, ficar bem, independentemente de ser verdade ou mentira.



Licença Creative Commons

Os movimentos de inquietação religiosa, filosófica e mística em torno do século I, logo se viram abafados pelo dogma cristão, único aliado ao poder dos imperadores.

Os ideais cavaleirescos da Idade Média, fonte de nobre inspiração na Idade das Trevas, logo foram apropriados pelas ordens religiosas, que colaboraram com as perseguições religiosas que terminaram em fogueiras.

Assim, da mesma forma, os ideais budistas de libertação do ser humano através de um trabalho lento e seguro de despertar progressivo, através de muitas encarnações, reconhecendo a realidade do sofrimento a que estamos submetidos neste mundo (As 4 Nobres Verdades) e apontando o caminho para alcançar a libertação (O Nobre Caminho Óctuplo) foram agora reduzidos a um manual de instruções básicas para chegar ao Nirvana, alguns exercícios de respiração e suposta concentração. Ninguém poderia ter inventado um plano melhor para acabar com qualquer desejo sincero de seguir o caminho do Buda.

Já existem indicações hoje, de autores sérios dedicados ao estudo da psicologia, que comprovam que os chamados exercícios e cursos de Mindfulness podem causar estados reativos de ansiedade e depressão em muitas pessoas.

Porquê? Porque a Atenção Plena (Mindfulness), atenção progressiva, é um “exercício de vida”, um método filosófico de libertação pessoal, embutido num conjunto de tradições, exegese, exercícios, etc., que não podem ser separados do conjunto moral e psicológico que os abriga e protege.

É como se, inspirados pelo cristianismo, instituíssemos alguns cursos de “Paixão na Cruz”. Concentrando-se na dor da cruz, em suplicar perante o Pai Celestial, e repetindo as palavras “Senhor, por que me abandonaste”, pelo menos sete vezes por dia, apertando as mãos e olhando para o céu.

Não seria ridículo algo assim, se acreditássemos que praticando exatamente isso todos os dias, sem consideração a toda a moral e ensinamento cristão, a toda visão cosmogónica e teogónica do Cristianismo, estaríamos seguros e nos sentiríamos melhor?

Um antigo ensinamento transmitido por H. P. Blavatsky, dizia que todo o símbolo, todo diagrama, toda ideia separada do contexto do **Todo**, de suas Conexões Superiores, facilmente se tornava magia negra.

E por “magia negra”, não é preciso entender alguém com um chapéu cônico recitando palavras em línguas estranhas e desenhando círculos mágicos. Não. Este é um erro comum.

A magia é a Magna Ciência, a capacidade de pôr em movimento muitas forças em uníssono, como o bem, a justiça, a bondade, a beleza... essa é a verdadeira magia. Ou seja, o extraordinário poder que o ser humano contém e que CONECTADO E INSPIRADO PELO TODO ESPIRITUAL, trabalha para o CONJUNTO DE SERES HUMANOS, ou seja, a totalidade humana, transformando-a.

Enquanto, pelo contrário, a “magia negra” é usar o conhecimento para o seu próprio benefício, ou para fins materialistas.

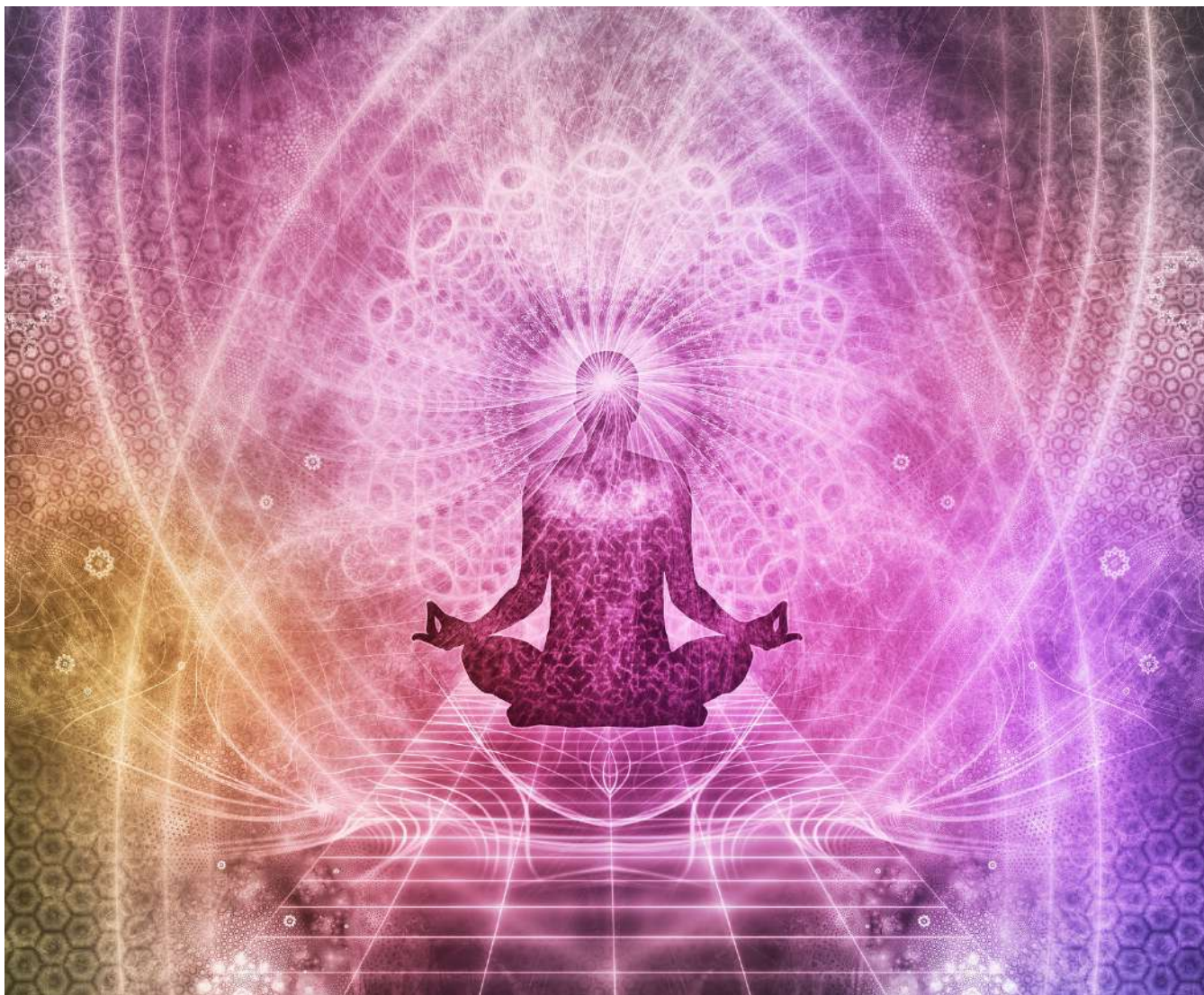
A prática de “técnicas” desconectadas de seu ambiente espiritual e humanista leva ao fracasso, ou ao desejo de domínio sobre os outros. Assim, a psicologia ou estudo da alma humana, torna-se “psicologia aplicada” para controlar o mercado e as massas de pessoas de acordo com a conveniência de quem governa. Muitos outros exemplos poderiam ser mencionados.

Portanto, o Mindfulness é bem-vindo, se faz parte do contexto da tradição milenar do budismo universal, bem-vinda é a prática da Atenção Plena. A sua aplicação é um caminho seguro de libertação, e o primeiro passo no Nobre Caminho Óctuplo,

mas para chegar a este caminho, primeiro tenho de saber profundamente o que é o Sofrimento, quais são as Causas do Sofrimento e o Caminho que leva à Extinção do Sofrimento.

Acredito que esta é uma tarefa de uma vida inteira, e até mesmo de muitas vidas. O Buda aconselhou que

embora o objetivo fosse a libertação final, entretanto, até que isso chegasse, tínhamos de conseguir ter uma vida saudável, honesta, cheia de bondade e compaixão pelos outros, e que desta forma, quando encarnarmos novamente, teríamos uma vida mais plena, com menos sofrimento, e mais perto da Libertação Final ou Nirvana que todos buscam.



Licença Creative Commons



A Religião do Buda

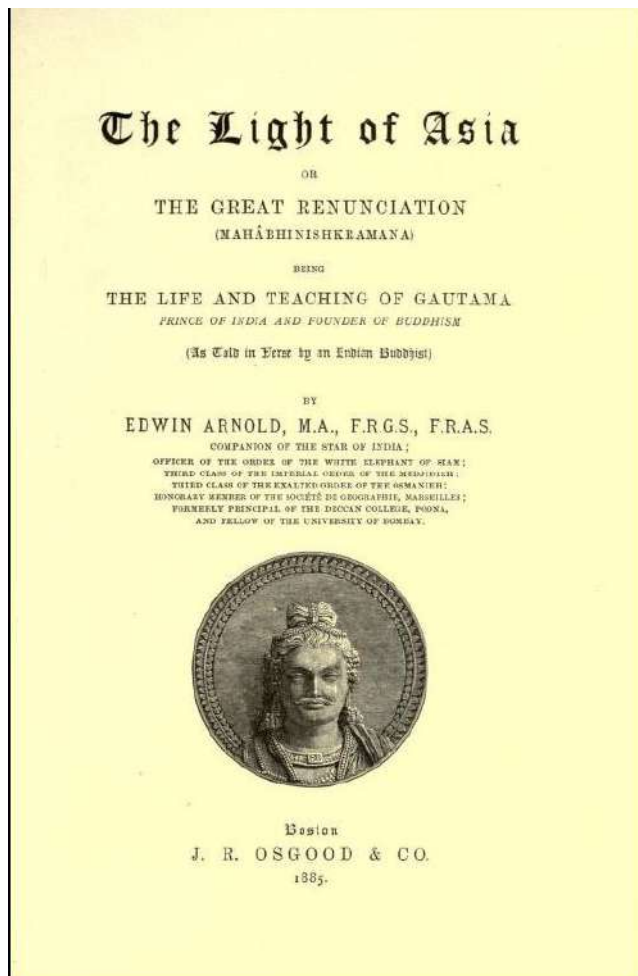
Por C. Jinarajadasa

Artigo publicado pela primeira vez em fevereiro de 1916

Durante uma estadia de dezoito anos em terras ocidentais, tem sido para mim um espanto o pouco entendimento que existe do budismo mesmo entre pessoas cultas. Existem centenas de livros sobre o budismo nas principais línguas europeias – textos e traduções, ensaios e manuais; e ainda assim para um budista nascido nas tradições budistas, pouco fazem pelo espírito do budismo. Apesar dos textos dos entendidos ocidentais, tão eruditos e tão

meticulosos, para um budista, há apenas um livro que descreve a sua fé como ele a sente, e esse o livro é um poema e não uma obra-prima de pesquisa e aprendizagem de um professor culto. É ao poema de Edwin Arnold, “A Luz da Ásia”, que um budista recorre como sendo o único livro numa língua ocidental que descreve adequadamente o budismo que ele conhece, não o das secas escrituras sagradas escritas numa língua morta, mas o verdadeiro e

vivo budismo de hoje. Porque é que um budista se afasta impacientemente da magnífica erudição da Alemanha, da Inglaterra e da França, e recorre à obra de um poeta?



Primeira edição do livro *Luz de Ásia*, de Edwin Arnold.
Licença Creative Commons

A razão é muito simples e, no entanto, muito difícil para um estudioso entender. Para o professor culto do Ocidente, o budismo é um sistema filosófico, uma religião, uma moralidade, um intelectualismo esplêndido; para o budista numa terra budista, o budismo é o Buda! Como é que é possível descrever a influência da Sua personalidade entre nós, como é que isso afeta as nossas vidas e não as doutrinas filosóficas? Apenas aqueles que nasceram no Oriente podem perceber vagamente como a personalidade de Gautama, o Buda, se carimbou na imaginação do povo, com que espanto, reverência, amor e gratidão, homens e mulheres o respeitam, cuja

afirmação constante é a de que Ele era um homem, e o que todos os homens se poderiam tornar. A imaginação tem jogado com a Sua personalidade com hinos de louvor e adoração, tentando perceber a sublimidade¹ e ternura do Seu caráter.



Buddha no Museu Guimet, em Paris

Centenas de nomes tentam expressar a profunda emoção. Ele é o Rei da Retidão, o Mestre, o Abençoado, o Senhor do Mundo, o Mestre dos deuses e dos homens; diariamente falam sobre Ele, no Ceilão e na Birmânia, como o Senhor Omnisciente. No entanto, acreditam que Ele era um homem, como todos os homens, e não alguém para ser adorado como divino de maneiras que Ele não partilhava com os seus compatriotas. Maior a maravilha/espanto, então, nesta devoção a um homem.

Como pode alguém, não budista, por mais educado que seja, chegar ao coração do budismo sem sentir o amor, a gratidão e a reverência que aqueles, em terras budistas, têm para com o grande Mestre? Poderá dizer-se que um hindu compreende qual é o amor de Cristo que fez os santos e os mártires, inspirou a arte do Renascimento e os construtores das catedrais da Europa, por mera leitura dos Evangelhos? Será que ele consegue chegar ao

¹ <https://dicionario.priberam.org/sublimidade>

espírito, sem ninguém para o guiar, apenas lendo as cartas? Pode dizer-se que ele compreende Cristo, se para ele Cristo é um mero filósofo e teórico, como um Hegel ou um Kant?

É porque Edwin Arnold se imagina budista e com a sua fantasia poética entra numa atmosfera

budista, que no seu poema o Buda é a figura central, e assim o seu trabalho é para o budista uma exposição satisfatória do budismo. Vá ao Ceilão, o centro do budismo, ou à Birmânia, observar o que é a religião. Esteja presente num templo num dia de lua cheia e observe o que acontece.



Festival budista

Cada dia de lua cheia é um festival, e de manhã até à noite a vida no templo está fervilhante. Com o amanhecer chegam os piedosos homens e mulheres que naquele dia se dedicam à devoção e meditação. Estão vestidos de branco, e todos os ornamentos e jóias, as vaidades do mundo, foram deixados em casa. Para eles, um monge de manto amarelo repete em Páli os simples votos que todos os budistas

fazem, não matar, não tomar por fraude o que pertence ao outro, não cometer adultério, não mentir, e não tomar intoxicantes. Repetem os votos a seguir ao monge, mas toda a cerimónia começa com “Reverência ao Mestre, o Abençoado, o Senhor Omnisciente”. Três vezes isto é dito, e depois segue, três vezes repetindo: “Refugio-me no Buda, na Sua Verdade, e nos Seus Santos”.

É sempre com o pensamento no Mestre que todas as cerimônias começam. Depois pegam em flores frescas e vão para o santo dos santos, onde está a imagem do Mestre. A imagem está muitas vezes de pernas cruzadas em modo de êxtase, ou de pé em modo de bênção, ou reclinada sobre o lado direito como era seu costume ao meditar; mas os olhos estão sempre inclinados para baixo sobre o devoto piedoso. De um lado da imagem de Gautama, e de pé sempre, está a imagem do próximo Buda que está por vir, o *Bodhisattva Maitreya*, mas já em antecipação à Sua próxima aparição, chamada pelo povo de *Buda Maitreya*.

A imagem de Gautama é castanha, pois ele era um hindu; a outra imagem é branca, de acordo com a tradição. No Seu próprio tempo, Ele virá, quando o mundo estiver pronto, mais uma vez, para fazer o que todos os Budas já fizeram, para dissipar a ignorância e proclamar as verdades eternas.

As flores são colocadas no altar, e no antigo Páli os devotos repetem o louvor e adoração do Buda, “perfeito no conhecimento, que fez a boa viagem que o levou à iluminação, o Professor dos deuses e dos homens, que fez o que estava para ser feito, que atravessou para a outra margem (Nirvana)”; de Sua Doutrina, a Verdade, o Dhamma², “convidando todos os que chegam, a serem compreendido pelos sábios por si mesmos”; dos Seus Santos do Manto Amarelo, a antiga “Irmandade dos Nobres”, que entraram no Caminho.

À noite o templo é iluminado com milhares de luzes minúsculas; multidões, vestidas de branco ou nas suas belas sedas, reúnem-se agora para ouvir o sermão, para reverenciar o Mestre, para se refugiarem nele, para fazer votos, para oferecer flores e queimar incenso, todos movendo-se com ânsia ao luar tropical em nada menos brilhante do que o branco que usam. Então, na hora marcada, com o bater dos tambores, chega o monge, com a sua escolta de assistentes devotos, para fazer o discurso. Seguindo a tradição imemorial, começa a

entoar musicalmente no sonoro Páli, “Reverência ao Mestre, o Abençoado, o Senhor Omnisciente”. Em seguida, o povo repete, juntamente com as Três Orações³ e os Cinco Votos/Preceitos⁴.



Detalhe do nascimento do Buda, arte Gandhara.
Licença Creative Commons

É sobre a vida do Mestre que o monge do manto amarelo fala ao povo, como em tal lugar e em tais circunstâncias Ele fez isto ou disse aquilo; como no vale do Ganges, há 2.600 anos, o Mestre, um homem, e não um Deus, viveu uma vida perfeita de compaixão, amando os seus companheiros, como uma mãe ama o seu filho único, e mostrou o caminho para a verdade e a libertação da dor. Como é que alguém pode pensar que é competente para falar sobre o budismo sem sentir tudo isto? Pode escrever muito e até eruditamente sobre o budismo como filósofo, mas a menos que sinta no seu coração o que o Buda era, o seu budismo é do Ocidente, e não do Oriente, onde ainda paira o espírito do grande Professor.

No século VI a.C., a Índia já era velha. Os homens já falavam na altura dos seus filósofos antigos. A reencarnação era desde há séculos um ponto

2 In Levir - GLOSSÁRIO TEOSÓFICO - Pali; Término equivalente al sânscrito Dharma.
<https://www.levir.com.br/query2.php?therm=Dhamma+%28Pali%29>

3 Wikipedia - Refuge in Buddhism: Three Jewels (also known as the Triple Gem or Three Refuges) which are the Buddha, the Dharma and the Sangha.
https://en.wikipedia.org/wiki/Refuge_in_Buddhism

4 Wikipedia - Refuge in Buddhism: In 1880, Henry Steel Olcott and Helena Blavatsky became the first known Westerners of the modern era to receive the Three Refuges and Five Precepts, which is the ceremony by which one traditionally become Buddhist.
https://en.wikipedia.org/wiki/Refuge_in_Buddhism

assente na consciência hindu. O Karma, a Lei da Ação, era como o ar que respiravam, que ninguém questionava nem sonhava questionar.

A filosofia era o essencial da vida. O sacerdotal Brahman, o guerreiro Kshatriya, o mercador Vaishya, todos participaram durante séculos em especulações filosóficas. Nem as mulheres recuaram na contribuição da sua parte para um tema totalmente absorvente. Maitreyî discute problemas filosóficos com o marido, o sábio Yājñavalkya; Gārgî, também, participa em muitos torneios filosóficos, embora seja vencida no final. Muitas mulheres, como Gārgî, viajaram pela Índia, nesta fase particular do então novo pensamento, e tiveram muitos discípulos à sua volta.

As crianças também afirmam o seu direito de serem ouvidas, e cortesmente os seus anciãos ouvem-nas, pois, poderá ser o caso da criança ser um filósofo antigo que volta à vida. Nachiketas, um menino - o mais famoso na Índia - porque “a fé entrou nele”, visita o rei Yama, o governante dos espíritos dos mortos, e questiona o Rei da Morte sobre o que só ele poderia dizer, o que estava por trás de todos os nascimentos e mortes, o destino final da evolução da alma. [Katha Upanishad]. “O jovem Kavi, filho de Angiras, ensinou aos seus familiares que tinham idade suficiente para serem seus pais, e, como se destacou pelo seu conhecimento do sagrado, chamou-lhes Pequenos Filhos. Estes, movidos pelo ressentimento, pediram opinião aos deuses sobre a situação, e os deuses, tendo reunido, responderam: ‘A criança dirigiu-se a si corretamente. Porque um homem destituído de conhecimento sagrado é, de facto, uma criança, e aquele que lhe ensina os Vedas é o seu pai; pois os sábios sempre chamaram “criança” a um homem ignorante, e pai a um professor da ciência sagrada.’ [Manu, II. 151-1.]

Todas as vilas e aldeias tinham a sua sala de conferências, onde os filósofos viajantes eram bem-vindos e entretidos, e muito se divertiam em disputas acessas. Todos os que tinham uma nova teoria para proclamar, homens e mulheres, velhos ou jovens, foram igualmente honrados, pois

nesta plataforma todos eram iguais buscadores da Verdade.

Muitas das escolas filosóficas tinham alcunhas que chegaram até nós; havia “os do cabelo risco-ao-meio, os enguias-serpentes, os eternalistas, semi-eternalistas, os extensionistas, os fortuito-origenistas, os errantes, os Amigos”⁵ e assim por diante sem número. Dificilmente existe uma fase do pensamento filosófico moderno - seja de Bruno, Kant, Nietzsche, ou qualquer outro filósofo que se queira mencionar - dificilmente uma fase de ceticismo e agnosticismo, que não encontre o seu protótipo naqueles dias distantes na Índia.

No entanto, nem tudo estava bem na Índia neste momento, no século VI a.C. Uma inquietação manifestava-se por todo o mundo do pensamento. A ortodoxia manteve-se rigidamente amarrada num ritual incrivelmente cansativo, tanto para sacerdotes, comerciantes e guerreiros. Lentamente, o sacerdotal Brahman afirmando o seu direito, como intermediário entre deuses e homens, de ser mais alto que as outras duas castas duas vezes nascidas; e muitos Brahman, com pouca santidade, mas muita casta, exerceram impiedosamente o seu poder sacerdotal para oprimir aqueles abaixo deles. Um eclesiástico rígido mantinha homens ligados a funções de casta e cerimoniais, e a originalidade e iniciativa individual tinham poucas hipóteses sob a rotina todo-poderosa. Parecia também, como se os sábios de antigamente tivessem vasculhado todos os mistérios, humanos e divinos, e nada mais ficou para ser dito; mas ainda faltava algo. Filosofia após a filosofia foi estudada, e, no entanto, sentia-se a necessidade de algo, embora ninguém soubesse o quê. Foi o período do sofrimento (travail⁶) da alma da nação, e as condições gerais não eram diferentes das encontradas nas terras ocidentais no século XX.

5 Não faço ideia onde confirmar a possível tradução para estes termos...

6 Isaiah 53:11 - King James Bible: “He shall see of the travail of his soul, and shall be satisfied: by his knowledge shall my righteous servant justify many; for he shall bear their iniquities.”

<https://biblehub.com/kjv/isaiah/53-11.htm>

Isaías 53:11-12 “Depois do sofrimento de sua alma, ele verá a luz e ficará satisfeito;”

https://www.bibliaon.com/versiculo/isaias_53_11-12/



Detalhe da vida do Buda. Licença Creative Commons

Inquietas como eram as mentes dos homens, havia algo que era quase mais perceptível ainda. Lamentável em muitos aspetos foi a condição dos membros não-arianos das nações, os milhões que não nasceram duas vezes como o sacerdote, o guerreiro e o mercador. A filosofia e os aspetos mais elevados da religião não eram para os milhões de homens e mulheres de baixa casta. Os Vedas não podiam ser ouvidos por eles, nem lhes ensinaram o Segredo, de que a alma humana era a Alma Divina do Universo. Poderiam aceder apenas à periferia do conhecimento sagrado, a posse inestimável dos hindus arianos. Os Vedas seriam poluídos se fossem conhecidos por um homem de baixa casta, um Sudra; e quanto àqueles sem casta, os

Párias⁷, não eram considerados como parte da comunidade hindu. Daí nascerem terríveis ameaças de represálias contra qualquer um ouse colocar-se em igualdade com os duas-vezes nascidos.

Os ouvidos de um Sudra que ouve intencionalmente quando os Vedas estão a ser recitados devem ser preenchidos com chumbo derretido; a sua língua deve ser cortada se os recitar; o seu corpo deve ser dividido em dois se o decorar na sua memória. [Citado nos Vedānta Sūtras, I, 3, validado tanto por Shankarāchārya como por Rāmanujāchārya]. Se assumir uma posição igual à de homens duas-vezes nascidos, sentados, deitados, em conversas ou na estrada, será submetido a castigos corporais. [Manu, e outros Textos da Lei].

Tais eram as ameaças que mantinham em sujeição espiritual e social os homens de cor escura. Pois os não-arianos, que não tinham sido araianizados pelo casamento ou por cerimónia religiosa, estavam sem casta, sem Varna⁸.

As três castas mais altas, originalmente com tez clara, invasores vindos de além dos Himalaias, irmãos de sangue dos gregos e dos gauleses, tinham-se gradualmente acastanhado pelo sol indiano; mas ainda assim eram mais leves do que os conquistados, e chamaram-se de “pessoas de cor”; e as pessoas não arianas conquistadas, escuras, quase negras, eram os “sem cor”, sem Varna ou casta.

É verdade que um Sudra ou um Pária que escolheu renunciar ao mundo e dedicar-se à vida de um filósofo ascético, torna-se assim um membro daquele grupo escolhido de Sannyasis onde todos eram iguais e acima de todas as castas. Rei e padre honrariam tal homem pelo que era, esquecendo-se de como nasceu. Mas as multidões de homens e mulheres comuns, que não eram sacerdotes, nem guerreiros, nem mercadores, independentemente das suas capacidades e qualificações, foram rigidamente impedidos de entrar em contacto

⁷ Sistema de castas na Índia: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:-Sistema_de_castas_na_%C3%8Dndia.png

⁸ Nome do sistema de castas na Índia.

direto com essas maiores especulações e discussões que aliviavam a monotonia da rotina do dever diário. No entanto, como os acontecimentos mais tarde mostraram, estes milhões de uma-vez nascidos eram verdadeiros hindus afinal, para quem era mais prático morrer, conhecendo Deus, do que viver sem conhecê-lo.

O trabalho que Gautama Buda fez foi chamado de reforma do Hinduísmo. No entanto, havia muitos outros antes de Ele, que liderou o caminho. Rebeliões contra o domínio da casta sacerdotal, heterodoxias e heresias de todos os tipos, existiam antes e eram toleradas com sendo afinal parte do Hinduísmo.

Mas foi mais uma vez a personalidade do Buda que cristalizou as aspirações de liberdade de séculos, e lhes deu a ampla plataforma de uma Fé Universal. A sua reforma tem dois aspetos, sociais e religiosos.

Como reformador social, foi o maior socialista que alguma vez poderia haver, mas diferente dos socialistas de hoje, pois Ele nivelou por cima e não por baixo. Ele também proclamou uma igualdade e uma fraternidade, mas o padrão de igualdade não era o mais baixo a que todos podiam descer, mas o mais alto a que todos poderiam ascender.

O seu nível era de Brahmana, o homem reto da mais alta casta, o cavalheiro daqueles dias, nobre em conduta, sábio e sereno. Até à época de Buda, para ser considerado um Brahman era preciso ter nascido na casta mais elevada; foi Gautama quem proclamou que todo o homem, mesmo da casta mais baixa, ou ainda mais desprezado, de nenhuma casta, poderia se tornar um Brahman, ao viver a vida perfeita que todo o homem nascido na casta mais alta deveria viver. Ser um Brahman era uma questão de conduta, de educação do coração, de treino do carácter; não era uma questão de casta. Todos seriam Brahmans os “que vivem uma vida santa, que vivem uma vida reta, que vivem no caminho da sabedoria, que vivem uma vida cumprindo os seus deveres”. “Aquele que é tolerante com os intolerantes, brando com os que criticam, livre de paixão entre os apaixonados, a ele eu chamo de fato um Brahman.

Eu não chamo um homem de Brahman por causa da sua origem ou da sua mãe. Ele pode ser chamado de ‘Sir’; ele pode ser rico; mas o pobre que está livre de malévolas qualidades, eu chamo de fato um Brahman”. [Vāsettha Sutta].



Detalhe da vida do Buda. Licença Creative Commons

Uma e outra vez, ele demarca a conduta do verdadeiro Brahman. “Assim como uma mãe, mesmo em risco da sua própria vida, protege o seu filho, o seu único filho, para permite-lhe cultivar a boa vontade sem limites entre todos os seres. Que ele cultive a boa vontade sem limites perante o mundo inteiro, acima, abaixo, ao redor, sem restrições, sem qualquer sentimento de distinção ou de interesses opostos. Deixe um homem permanecer firmemente neste estado de espírito enquanto estiver acordado, esteja ele de pé, sentado ou deitado. Esse estado de coração é o melhor do mundo”. [Mettā Sutta, trad., de Rhys Davids]. “E ele deixa sua mente permear um quarto do mundo com pensamentos de amor, e assim o segundo, e assim o terceiro, e assim o quarto. E assim o mundo inteiro, acima, abaixo, ao redor e em todos os lugares, ele continua a permear com um coração de amor, de longo alcance, enorme e além da medida”. [Mahā Sudassana Sutta, trad., por Rhys Davids].

Com tal ideal aberto a todos, Gautama Buddha proclamou um Socialismo que apelava para o mais elevado nos homens e não para seus interesses materiais inferiores. As castas ainda existem na Índia hoje, e mesmo em terras budistas; instintos

etnológicos primitivos ganharam a batalha e o conceito de casta era mais forte do que o próprio Buda. Mas o ideal que Ele proclamou do verdadeiro Brahman ainda é a luz para quase um terço da raça humana.

A reforma religiosa que Gautama Buddha trouxe não era novidade para os pensadores de Sua época. Muitas das Suas ideias, outros haviam proclamado antes Dele. Mas a maneira como Ele as enunciou, a personalidade dominante e terna que os homens viram Nele – isso era novo. Ele não proclamou nada de novo, mas permitiu que cada ouvinte visse os mesmos velhos fatos por si mesmo, de uma nova dimensão. Ele ensinou os homens a deixar de lado a especulação e a discussão filosófica, a visar primeiro a uma mudança interior do coração através de uma vida perfeita de inocuidade e compaixão, para acalmar perfeitamente o mar tempestuoso da natureza do homem dos seus desejos crescentes de prazer ou ganho, de forma a que quando parado, poderia refletir como um espelho as profundas intuições dentro deles. Assim poderia um homem ser independente de sacerdotes e intercessores; somente assim um homem poderia ser uma luz para si mesmo e trilhar o Caminho. “Sede lâmpadas para vós mesmos. Sede refúgio para vós mesmos. Não se entreguem a nenhum refúgio externo. Agarrem-se à Verdade como uma lâmpada. Agarrem-se como um refúgio à Verdade. Não procurem refúgio em ninguém além de vocês mesmos”. [Mahā Parinibbāna Sutta].

Como a vida perfeita deve ser vivida é explicada uma e outra vez. Primeiro vêm os Quatro Esforços:

1. Não fazer nenhum mal novo;
2. Para se livrar do mal feito;
3. Promover o bem que não existia anteriormente;
4. Aumentar o bem já existente.

Dez são os atos meritórios que o devoto deve realizar:

1. Caridade;
2. Observar os preceitos
3. Meditação;

4. Dar oportunidade aos outros de participarem das suas boas ações;
5. Encantar-se com os atos meritórios praticados por outrem;
6. Atender aos outros;
7. Honrar aqueles que são os dignos de honra;
8. Explicar a doutrina;
9. Ouvir as explicações da doutrina;
10. Refugiar-se nos Três Tesouros – o Buda, a Verdade e os Santos.

As meditações são cinco, sobre amor, piedade, alegria, impureza e serenidade.

Assim a viver ele entra no Caminho e chega à liberação – Nirvana. O Nirvana é a cessação de todos os desejos, o fim da existência, a aniquilação do ser? Mas os livros dizem que podemos conhecer o Nirvana de três maneiras; primeiro, por experiência pessoal (pachchakkha siddhi); segundo, indiretamente, de outra forma, pelo raciocínio e análise (anumeyya siddhi); e da mesma forma, terceiro, pela fé nas declarações daqueles que o experimentaram (saddheyya siddhi). Fé nas declarações daqueles que foram aniquilados?

Pode-se realmente acreditar que milhões de homens e mulheres, de afeições e aspirações normais, vão diante da imagem de Buda, colocam flores diante Dele, dizendo: “Eu me refugio em Ti”, e acreditar que Ele ensinou que a mais alta meta da existência era a aniquilação? Quando durante uma pregação num templo, o monge no seu discurso menciona apenas a palavra Nirvana, e o público emite um grito entusiasmado e extasiado de “Sādhu! Sadhu!” (Amém! Amém!) – será que eles sentem que o Nirvana é aniquilação?

Certamente tudo isso parece abstração, mera negação. Mas não é assim para a mente hindu, que está tentando conhecer algo além das limitações de tempo, espaço e causalidade. A intensa realidade d'Aquilo, sua influência na vida diária, é vista em muitos versículos como este: "Sozinho dentro deste universo Ele vem e vai; é Ele quem é o fogo, a água que Ele penetra. Ele e Ele somente conhecendo, um atravessa a morte; nenhum outro caminho existe para seguir".

É a mesma coisa que é ensinada a Sócrates. É através da Beleza e do amor purificado que o Aquilo deve ser realizado. Assim Platão no simpósio:

"Pois aquele que até agora teve a inteligência do amor e viu todas as coisas belas em ordem e corretamente – ele aproximando-se do fim das coisas amáveis verá um Ser maravilhosamente belo; por causa de quem, na verdade, todos os trabalhos anteriores foram submetidos: Aquela que é desde a eternidade, e não nasce nem perece, nem pode aumentar ou diminuir, nem mudou ou girou ou alterou o mau ou o justo; nem pode essa beleza ser imaginada segundo a forma de rosto ou mãos ou partes do corpo e membros, nem em qual-quer forma de fala ou conhecimento, nem em habitar em nada além de si mesmo; nem na besta, nem no homem, nem na terra, nem no céu, nem em qualquer outra criatura; mas a Beleza única e somente, separada e eterna, que, embora todas as outras coisas belas participem dela e cresçam e pereçam, ela mesma sem mudança ou acréscimo ou diminuição permanece para sempre".

E, finalmente, Gautama Buda fala do Nirvana, o quarto estado de consciência do hinduísmo. Em Udānam, VIII, 2-3, encontra-se uma definição extremamente filosófica que é a seguinte:

"Existe, ó Irmãos, aquela Morada, onde de fato não há terra, nem água, nem ar; nem o mundo do Infinito-do-Espaço, nem o mundo do Infinito-da-Inteligência, nem o mundo de Nada-Qualquer coisa, nem o mundo de Nem-Cognição-nem-Não-Cognição; nem este mundo, nem o mundo além, e nem o sol nem a lua. Isso eu chamo, ó irmãos,

nem vindo, nem indo, nem de pé, nem nascimento, nem morte. Sem fundamento, sem origem, além do pensamento é Isso. A destruição da tristeza realmente é Isso.

"Existe, ó irmãos, aquilo que não nasceu, não se manifestou, não foi criado e não é condicionado. A menos, ó irmãos, não fosse não nascido, não manifestado, não criado e incondicionado, não poderia ser conhecido neste mundo o surgimento do que é nascido, manifestado, criado e condicionado. E visto que existe o não nascido, não manifestado, incriado e incondicionado, portanto é conhecido o surgimento do que é nascido, manifestado, criado e condicionado.

Um dos mais brilhantes historiadores modernos da filosofia, o Prof. Harald Höffding, de Copenhague, descreve verdadeiramente a concepção budista do Nirvana.

"O Nirvana não é um estado de puro nada. É uma forma de existência da qual nenhuma das qualidades apresentadas no fluxo constante da experiência pode ser predicada e que, portanto, nos aparece como nada em comparação com os estados com os quais a existência nos familiarizou. É a libertação de todas as necessidades e tristezas, do ódio e da paixão, do nascimento e da morte. Só pode ser alcançada pela mais alta concentração possível de pensamento e vontade. No conceito místico de Deus [dos místicos alemães], bem como na concepção budista do Nirvana, é precisamente a positividade inesgotável que irrompe em toda forma conceitual e torna toda determinação uma impossibilidade". [Filosofia da Religião, Seção 43 e Nota 3.]

O que quer que seja o Nirvana, uma coisa pode ser atribuída a ele – não é aniquilação. Quando um monge, após um longo discurso sobre assuntos espirituais, dá no final a bênção tradicional, "Que todos vocês alcancem o Nirvana", e as pessoas dizem em resposta "Amém, amém", eles certamente não têm concepção do Nirvana como nada e cessação. de ser. Nas palavras de um santo budista, "Grande Rei, o Nirvana é" (...).



As Cinco Meditações do Buda

Por José Carlos Fernández

“O propósito de toda a meditação, quer queiramos quer não, deve ser o de produzir um sentimento interno de paz e de serenidade, de genuína cordialidade para com os outros, e uma consciência de verdadeira relação com a vida, em todas as suas formas (...)

A meditação pode ser efetiva quando está presente na mente uma verdade para a qual há uma atração natural, uma resposta interna nascida da beleza dessa mesma verdade.”

Nilakantha Sri Ram,
em *Pensamentos para Aspirantes*.

Casualmente, num artigo do Dr. Jinarajadasa¹, encontrei a seguinte afirmação: **“As meditações são cinco, sobre o amor, sobre a piedade, sobre a alegria, sobre a impureza e sobre a serenidade”**

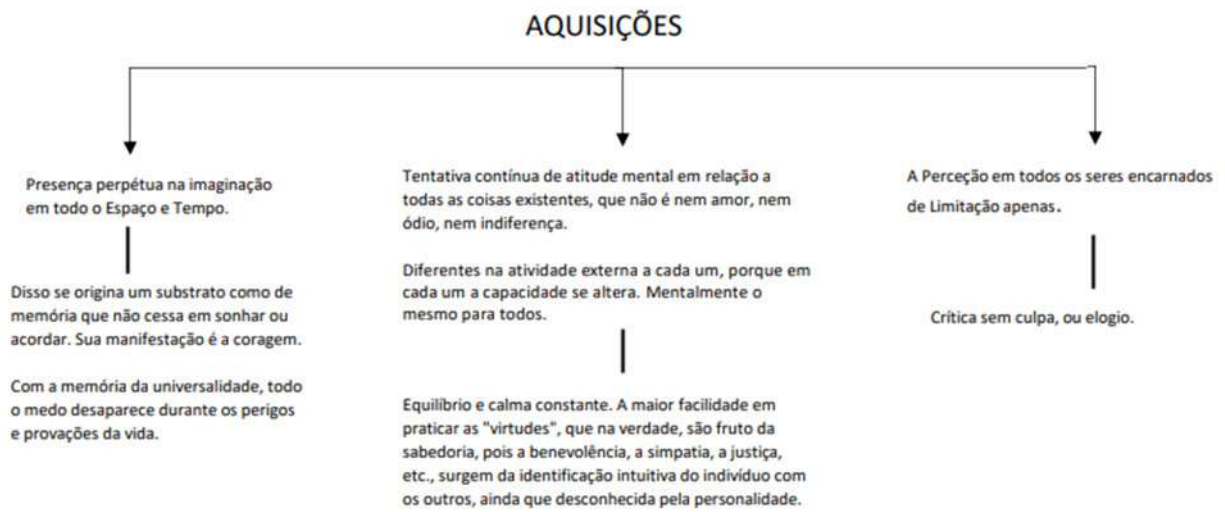
E fiquei impressionado porque, embora tivesse ouvido e lido sobre os diferentes tipos de meditação que realizam os budistas, nunca havia encontrado enunciado desta forma, tão inspiradora. E não incluímos aqui a definitiva e mais difícil de todas,

¹ No artigo Gautama the Buddha, pág. 14 <https://archive.org/details/JinarajadasaGautamaTheBuddha/page/n17/mode/2up>

Diagrama de meditação

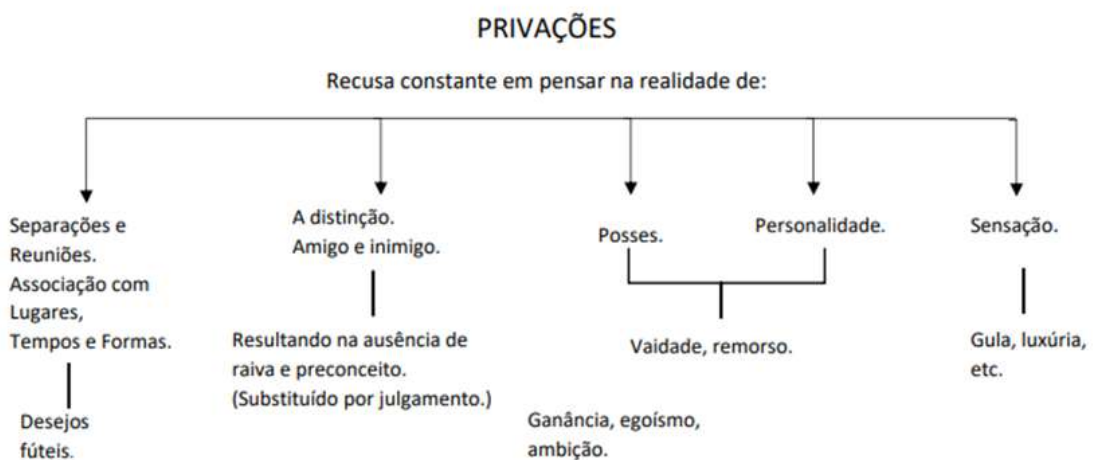
Primeiro conceba a UNIDADE pela Expansão no espaço e infinita no Tempo.
(com ou sem auto-identificação)

Então, medite de forma lógica e consistente sobre isso em referência aos estados de consciência. Então, o estado normal de nossa consciência deve ser moldado por:



Nota: A aquisição é completada pela concepção "Eu sou todo Espaço e Tempo".

Além disso... (Não se pode dizer).



Nota: Essas privações são produzidas pela imaginação perpétua sem autoilusão do “eu estou sem”; o reconhecimento de serem a fonte de escravidão, ignorância e conflito. A ‘privação’ é completada pela meditação: “Sou sem atributos”. Não há risco de autoilusão se a personalidade for deliberadamente esquecida.

Nota Geral: Todas as paixões e virtudes se misturam umas com as outras. Portanto, o diagrama fornece apenas dicas gerais.

Mas voltando às 5 Meditações Budistas, ao enumerá-las deste modo, Jinarajadasa, pareceram-me esclarecedoras, luminosas, com um caráter próprio, mais do que as duas primeiras (a meditação sobre a compaixão ou piedade e sobre a vileza do corpo) sejam as mesmas que indica o dicionário budista da Escola Nichiren antes mencionado.

Meditação sobre o amor

Não é em vão que Hesíodo coloca Eros como impulso primordial, o nascido de si mesmo, na tríade de poderes anteriores a tudo (Caos-Eros-Gaia). Foi, é e será sempre, e aquele que dele se separa, perde o seu sentido, a sua alegria e plenitude. Alimenta e guia os seres até à sua perfeição e plenitude, não os deixa parar, e embora por vezes o seu dardo de fogo ou elixir da imortalidade intoxique a vida e esta pareça deter-se no seu poderoso avanço, logo de novo cai em cascata e deve continuar o seu impetuoso curso. Platão ao fazê-lo filho de *Penia* (necessidade, fome) e de *Poros* (plenitude) disse a propósito dele que é a “sede de perfeição”, mas talvez seja mais fácil vê-lo como a perfeição ou Ideal mesmo que chama os seus filhos ao seu Reino e não os deixa deter-se, entreabrindo-lhes as portas dos seus Mistérios uma e outra vez, uma antecipação da alegria infinita do Amor, uma dissolução de todo o egoísmo e limite, como declara Wagner no seu *Tristão* em que o tu e o eu dele e *Isolda* se consomem num mar infinito sem margens e cujo único atributo é a ondulação perpétua, a “Respiração da Mãe do Mundo”.



Licença Creative Commons

Para o Professor Jorge Angel Livraga o Amor é a força que une todas as coisas e, aos seus olhos, somos sempre bem-amados. Para o filósofo N. Sri Ram, “a capacidade de amar reside na natureza não contaminada do homem, uma natureza que é delicada e ao mesmo tempo forte, capaz de vibrar em simpatia com toda a forma de vida, com cada uma de acordo com o seu tipo e forma de ação”.

Na religião hitita só o gigante Ulikummi é capaz de desafiar, insensível, a voz do amor, e cresce como um cancro que ameaça a terra, os mares e inclusive o céu com os seus deuses. Na Tetralogia de Wagner a famosa canção de Loge, deus do Fogo, explica como nada vivo pode desistir do amor, do verdadeiro amor (não ir atrás dos nossos desejos) e quem o faz é uma praga para o mundo, neste caso a ganância de Alberich, o nibelungo. Os atos que não nascem do amor, no amor, são inúteis, perniciosos, suspeitos,

maus augúrios, anúncios de ruína e destruição, pois onde Ela, a deusa da Beleza, não está, nada está, o que resta é um simulacro de morte e desespero.

Meditação sobre a piedade ou compaixão

Num dos livros mais belos alguma vez escritos, *Voz do Silêncio*, lemos:

“Harmonizaste o teu coração e mente com a grande mente e coração de toda a humanidade?”

Pois, como na voz rugindo do Rio Sagrado onde todos os sons da Natureza encontram o seu eco, assim deve fazer o coração daquele que quer entrar na corrente, treme em resposta a cada suspiro e pensamento de tudo o que vive e respira.”

Essa é a quintessência da piedade e compaixão. E se a Pietas, em Roma, era, como dizia Cicerone, cumprir o dever para com os Deuses, era precisamente por essa comoção, por esse estremecer face a eles enquanto país das nossas almas.



Licença Creative Commons

E de novo nesta joia mística lemos:

“Podes tu destruir a divina COMPAIXÃO? A Compaixão não é um atributo. É a LEI das LEIS- a Harmonia eterna, o MESMO Alaya; uma ilimitada essência universal, a luz da Justiça perpétua, o equilíbrio de todas as coisas, a lei do amor eterno. Quanto mais te tornas um com ela, fundindo o teu ser com o seu SER, quanto mais a tua Alma se une com o que ÉS, mais te transformarás em COMPAIXÃO ABSOLUTA.”

Compaixão é sentir e ajudar com vontade no esforço de tudo o que vive -incluindo o reino mineral, e os elementos, mas acima de tudo, por pertencer a toda a Humanidade, ou por proximidade, aqueles dos quais temos consciência direta - por se aproximar do IDEAL, o que significa a dor e a purificação a que é necessário submeter-se. Esse ser, com a Alma, o próprio Caminho que chama os caminhantes que se afastaram e se perderam, e que levanta o que cai, e que alimenta o faminto e revigora o debilitado. Viver como Ideal o Coração do Senhor do Mundo, que sente na pele as injustiças sofridas pela mais ínfima das criaturas, pois vive no coração de cada uma delas, e se converte em médico da sua dor, embora limitado pela ação do próprio Karma, sempre inexorável.

Meditação sobre a Alegria

Como dizia o próprio Jinarajadasa, nos Mistérios de Elêusis ensinava-se que na natureza há sempre uma corrente de incessante alegria e prazer, que embora marcada por intervalos de dor e sentimento de miséria, ainda permanece atrás deles. E ainda em toda a sua dor a alma se alegra, ao libertar-se de seus laços e dívidas, como um Shiva dançante na sua roda de fogo.

Se a nossa mente escura não arquivasse e repetisse a dor com a memória, se não a ampliasse como fazem as lentes óticas com os raios de luz, se não a deformasse com a sua própria deformação, se não se tornasse vítima ou carrasco com as odiosas comparações, esta, a dor, não teria tanto peso sobre os ombros dos mortais e as suas feridas seriam

sempre de curta duração, como vemos na própria natureza, que não teme a morte e onde no meio do conflito e tensão reina esta alegria. Pois como dizia Heraclito, “a guerra é a mãe de todas as coisas” e a vida que se regenera a si mesma, embora com dor, não pode ser sem alegria, senão, a vida não encontraria forma de continuar.



Licença Creative Commons

Meditação sobre a impureza

Que grande que é esta meditação, pois a sua verdade chama a nossa mente a cada instante, especialmente naquilo que nos diz respeito, vítimas que somos dela!

Contemplamos através do vidro da mente sublimes paisagens e aí está sempre a mosca do eu querendo converter-se na rainha da nossa atenção. Palavras grandiosas convertem-se em exemplos medíocres, isso é impureza. Propósitos que deveriam ser firmes como um decreto divino, dissolvem-se como o metal em ácido sulfúrico e, rapidamente, nem nos lembramos deles, não nos damos conta que assim a nossa alma é lançada ao abismo do Nada. Isso é impureza. Experimentando a dor, sabemos o que não fizemos bem, e pouco importa, em breve repetiremos o erro. Isso é impureza. A amizade traída é impureza. A covardia é impureza. A falta de medida é uma impureza que peca contra a música universal. A falta de memória de alma é impureza. A falta de respeito por tudo o que vive é impureza. Falar demais é impureza e falar de menos também. E ferir o outro, com

palavras, atos ou sentimentos manifestados, é impureza. E como disse Jesus no Evangelho, a impureza não está no que entra pela nossa boca, na comida, por exemplo, mas sim no que sai dela. Não responder à ajuda que nos pedem, é impureza. Julgar severamente os outros, ou pior, rejeitá-los por crenças sectárias de qualquer tipo, é impureza. Demasiada atenção ao corpo e à matéria, que de todas as formas, fluem dissolvendo toda a forma, é impureza. Querer ser amado a qualquer preço, é impureza. Querer descansar ou viver a qualquer preço, é impureza. Querer ser jovem a qualquer preço, é impureza. Não pagar as nossas dívidas, monetárias, morais, etc., é impureza, e das graves. Não obedecer ao tempo -como dizia Shakespeare que devíamos fazer - é impureza. Não ser fiel, é uma grave impureza. Não fazer as coisas bem, é impureza. Não estar atento ao que a vida te ensina é impureza. Perder o tempo ou a vida com fantasias, é impureza, e das que só a dor nos livrará. Atrasar a execução do que devemos fazer ou duvidar mais do que o necessário, é impureza. Colocar obstáculos ao bem, ao amor, à justiça, é impureza. Não honrar cada um de acordo com a sua natureza e mérito, é impureza. Chegar tarde, ou chegar mal, ou sem vontade de o fazer, ou chegar e não fazer, é impureza. Subjugar os outros, ou torná-los dependentes, física, mental ou emocionalmente, roubando-lhes a liberdade interior, é uma impureza gravíssima. Etc., etc.

Quer dizer, impureza, ainda que o seja, não se refere somente a observar as funções corporais inferiores, o escatológico, ou ver como a morte ou a decomposição se apoderam dos corpos ou das sociedades; é muito mais, e talvez a esta meditação se refira H.P.Blavatsky quando disse que a melhor concentração é a atenção centrada no eu inferior, para que não nos sintamos cómodos ao fazer o indevido, que nos sintamos descobertos.



Licença Creative Commons

Meditação sobre a serenidade

Seguramente o sábio Sri Ram evoca esta meditação quando nos ensina a pensar na severa majestade das montanhas com neve, ou na serenidade do céu estrelado, nas leis da natureza, que são insubornáveis, ou nas verdades morais, etc. em tudo menos nos nossos desejos e sua satisfação.

Todos procuramos a Paz, que é a mais legítima de todas as nossas conquistas. E uma promessa, ou um augúrio, ou a antevisão, ou um sabor antecipado desta Paz é a Serenidade. Como não meditar sobre ela? Pois talvez ela e as verdades que dela emanam, e as ações que exige para nos amparar com a sua mão protetora, são o grande purificador. Na verdadeira e pura serenidade morrem as paixões e as vaidades, como a espuma das ondas no mar profundo de onde nascem, ou os murmúrios do bosque na sua noite e silêncio.

A serenidade é o fruto, e pai e filho da constância e portanto é de ouro, como a estabilidade. Meditar na serenidade é meditar no objetivo das nossas ações, e na matriz justa das mesmas, se queremos que sejam eficazes e concretas. Meditar na serenidade é o rosto luminoso da meditação na morte, pois ninguém teme, todos amam a serenidade, o que não podemos dizer da morte, sendo ambas a cara e coroa de uma mesma verdade.



Licença Creative Commons

Tudo o que é bom, belo e justo nasce no útero da mais perfeita serenidade, e a tudo o que morre é permitido voltar a ela, para além das sementes kármicas que levam de novo a uma vida tumultuosa e carente de serenidade, serenidade que deverá ser de novo conquistada, fortaleza a fortaleza.

Essa serenidade, realizada em paz perpétua, um dia e uma vida, não importa quão longínquos sejam, permitir-nos-á, como no Nirvana budista, pronunciar, com os místicos egípcios, na sua “Saída da Alma para a Luz Divina”:

*Eu sou o hoje,
 Eu sou o ontem,
 Eu sou o amanhã.
 Desde os meus repetidos nascimentos
 Permaneço jovem e vigoroso
 Eu sou a alma divina e misteriosa
 que noutra época, criou os Deuses
 e cuja essência nutre
 as divindades do Duat, do Amenti e do Céu.*



Flora Intestinal e Ciência Budista

Por José Carlos Fernández

“Assim como o ouro se queima, se corta e se pule, examinai apropriadamente o meu discurso, logo praticai-o com convicção. Não o aceiteis por ser afirmado por eruditos.”

*Palavras de Buda, em Tantra del Gran Poder (dentro do compendio do **Kangyur**)¹*

Este é o ensinamento de Buda a respeito do conhecimento que nos chega do passado, que deve ser atendido como uma doutrina, ter em consideração, respeitado, mas também examinado e não aceite só porque sim. Pode ser falso, mal interpretado, mal traduzido ou mal transmitido. Tudo aquilo que carece de lógica interna, ou que a alma rejeita instintivamente ou depois de ser analisado com a razão, não precisa ser aceite, nem rejeitado, simplesmente pode ficar

¹ Citado na obra “El mundo físico: ciencia y filosofia em los clásicos budistas indios”, vol I, Editorial Kailas, nota 36.

entre parenteses a aguardar uma nova verificação ou exame com mais conhecimentos ou experiências. Uma doutrina não é uma mera coleção de hipóteses ou de opiniões, nem tampouco deve ser um dogma, pois não se pode obrigar uma alma livre a aceitar à força os conhecimentos dos outros, nem persuadir hipnoticamente, nem com repetição *ad nauseam*, para que sejam aceites, gostemos ou não. Não se deve “edificar” sobre aquilo que não se conhece e nem é firme, e vemos como todas as superstições da história surgem de construir sobre aquilo que não se conhece na realidade e encontramos, finalmente, assim, a mente povoada de todo o tipo de fantasmas e sombras. O que não se conhece mas se aprende, pode ser verdade ou não, mas não se deve edificar mais e mais sobre as linhas imaginárias

sem consistência. Como na história pitagórica em que se rejeitava um aspirante por chamar triângulo ao que eram apenas três pontos (nos vértices de um triângulo imaginário, mas que era, precisamente imaginário, que não estava ali, portanto não se lhe podia conceder a realidade mental o nome que não tinha). Quem faz isto está já a edificar sobre a sua fantasia; e se em vez de três existirem milhares de pontos podem surgir todos os tipos de monstros, e em movimento. Os factos expostos nas tradições e nas Doutrinas Secretas muitas vezes são esse tipo de pontos, sobre os quais temos de ser muito cuidadosos, pois não são pontos que nós mesmos tenhamos constatado, pelo que devemos ter atenção às linhas e mais ainda, com os edifícios mentais, que estão, realmente, sobre nuvens.



Tripitaka ou Canon budista coreano dos 80.000 volumes. Licença *Creativa Commons*

Assim como não se deve fazer ciência sobre aquilo que não conhecemos, tampouco podemos rejeitar à priori aquilo que pode, naturalmente, merecer a nossa confiança.

Os filósofos budistas chamam a isto “o princípio das quatro confianças”.

Por exemplo², no *Sutra de las preguntas del cabeza de família Ugra*, afirma-se que:

“Confiai no significado e não nas palavras.

Confiai na sabedoria transcendente e não na consciência ordinária.

Confiai no ensinamento e não na pessoa.

Confiai nos sutras de significado definitivo e não nos sutras de significado provisório.”

A propósito do mesmo livro, já mencionado, de “O Mundo Físico...”, em uma das secções do capítulo 33 (que é intitulado “A relação entre corpo e mente”) com o nome específico de “A relação corpo-mente através da atividade dos micro-organismos dentro do corpo”, existem relações surpreendentes que bem merecem ser examinadas.



Sutra ilustrado do Prajnaparamita
(Sutra da Perfeição da Sabedoria).
Licença Creative Commons

Diz-se que “existem afirmações nos sutras de como o corpo e a mente efetuam trocas de um para o

outro através da atividade dos micro-organismos que residem dentro do corpo”. Como exemplo, mostra-se um fragmento do *Sutra de la perfección de la sabiduría em veinticinco mil versos*, em que está escrito:

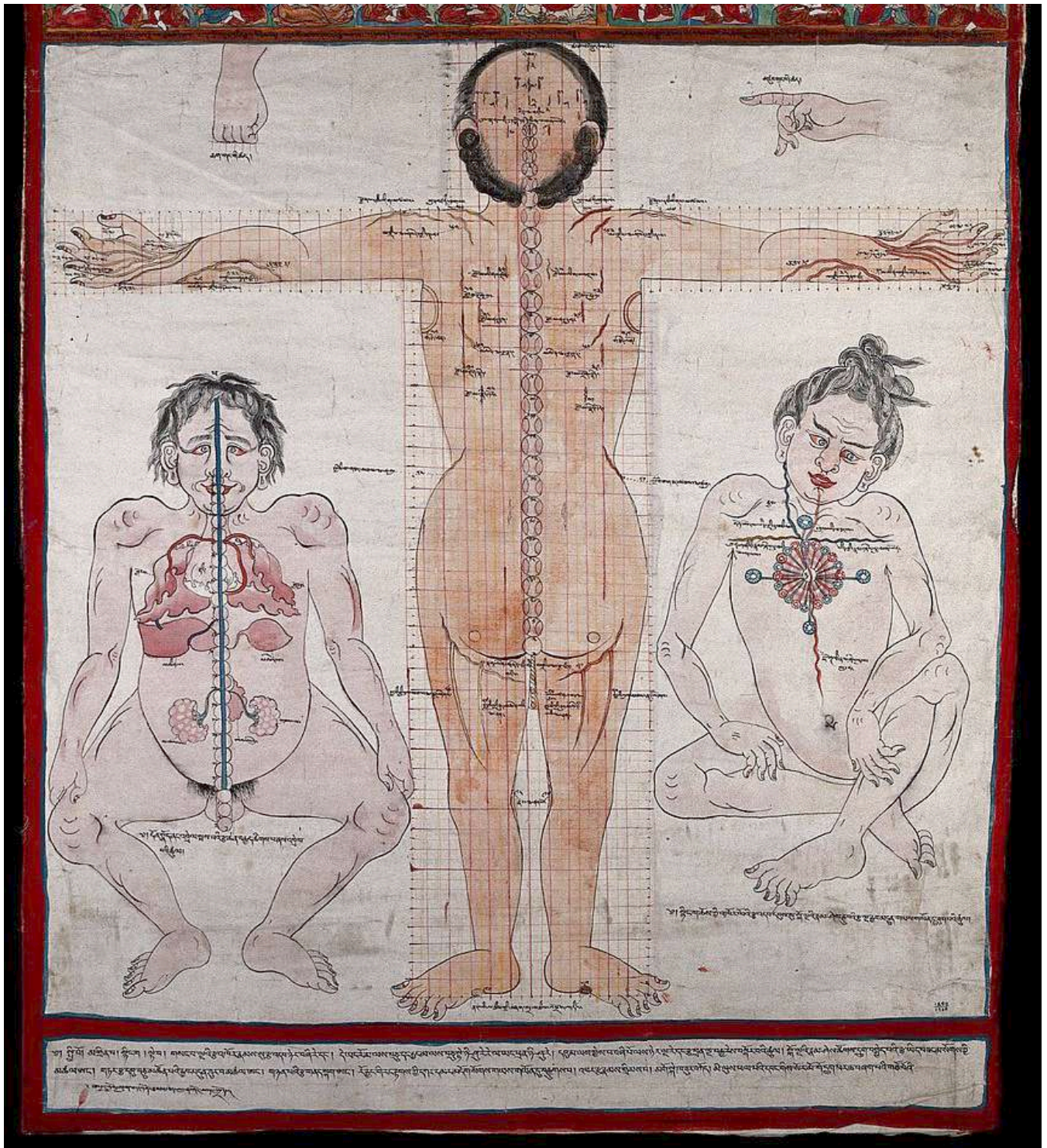
“...dentro do corpo daqueles que são humanos existem oitenta mil tipos de microorganismos que se alimentam do corpo.”

Noutro texto, o *Sutra del fundamento de la atención*, afirma-se a existência de microorganismos que residem na cabeça, outros na garganta, nos canais, no sangue, na carne, na vesícula biliar, nos membros (ossos?), nas fezes...

A nossa ciência redescobriu a enorme importância, por exemplo, da microbiota ou flora intestinal, bactérias que vivem uma relação simbiótica com o organismo humano, e sem as quais não poderíamos sobreviver, e que fornecem um ecossistema próprio que permite, por exemplo, a absorção de alimentos, a síntese de algumas vitaminas (a K) e de compostos moleculares cuja importância está agora a ser investigada.

Esses pequenos acompanhantes, com os quais estamos no chamado mutualismo, são afetados por fatores internos e externos. Entre estes últimos, destacam-se os antibióticos, o stress, as dietas alimentares (que podem favorecer ou prejudicar), o uso de probióticos, etc. Diz-se que na flora intestinal há uns dois mil organismos diferentes desta natureza. É evidente que ainda não chegámos a conhecer os oitenta mil (em geral, não só no intestino) que falam os textos budistas, mas também é evidente que à medida que continuarmos a investigar, irão aparecer mais e mais, e não só no intestino.

² Mesmo livro, pág.79 da edição espanhola.



Figuras anatómicas da ciência tibetana.
Licença Creative Commons

É surpreendente que no mesmo sutra antes mencionado diga que:

“Se os micro-organismos dentro do meu corpo não prosperam devido aos alimentos que consumi, isso me privaria por completo de alegria.”

E também: “Também observamos que devido a tais carências, os membros do corpo adoecem, surgem doenças do coração e as cidades ficam vazias. A mucosidade altera-se, uma tristeza mental contínua é criada e a pessoa não está feliz com objetos de contato e forma. Porquê isso? Porque a fome dos micro-organismos pode causar fortes sensações.”

O autor do livro “Mundo físico...” comenta: “Fazer passar fome os micro-organismos, faz com que os membros do corpo se contraíam e que a mente experimente um estado vivido e vazio, tristeza e falta de alegria na forma e assim por diante.”

E é surpreendente porque há pouco mais de três anos foi descoberto o efeito da microbiota na saúde mental dos humanos. Já havia sido experimentado com animais, mas foi ampliado e verificado no reino humano.

Lemos, por exemplo, no El Confidencial de 4 de fevereiro de 2019 a seguinte notícia (vou selecionando parágrafos ou linhas de interesse para este artigo):

*“Cientistas da Universidade belga de Leuven conseguiram demonstrar, pela primeira vez em humanos, como a **microbiota intestinal** está **envolvida** na saúde mental, algo que já antes se suspeitava e que só tinha sido testado em animais. Em um estudo que publicaram na Nature Microbiology, os investigadores conseguiram identificar duas bactérias que são a chave na depressão e, em geral, na qualidade da saúde mental.”*

(...)

“Da mesma maneira, também verificaram que alguns dos milhares dos milhões de micro-organismos que compõem a microbiota intestinal são capazes de produzir compostos neuro-ativos.

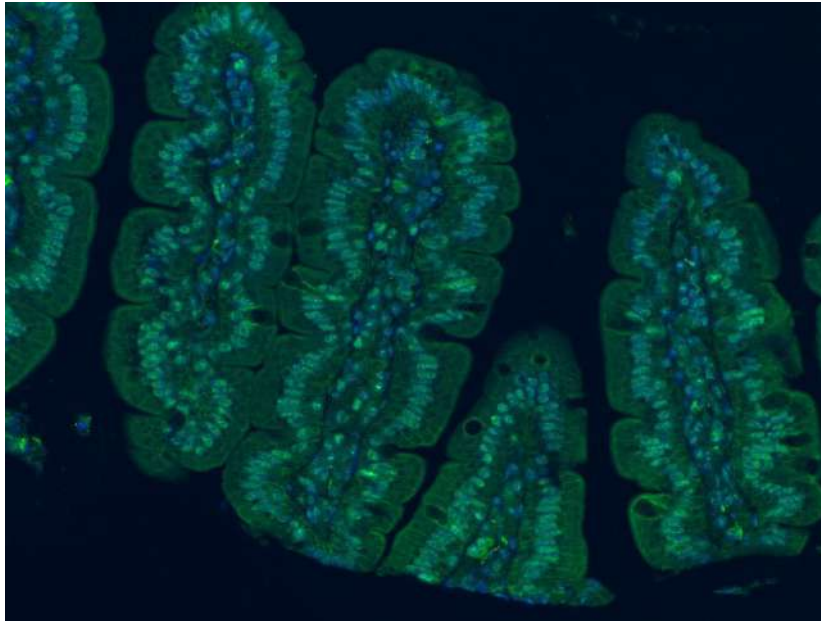
Desde há pouco mais de uma década os cientistas estudam o complexo intercambio de mensagens, tanto químicas como elétricas entre o cérebro e o intestino, através sobretudo do nervo vago, que se estende da base do cérebro ao abdómen”.

(...)

“...cruzaram dados acerca da composição microbiana intestinal e de diagnósticos médicos de depressão de 1054 indivíduos da coorte do Projeto flamenco de microbiota intestinal. Dessa forma, conseguiram identificar que as bactérias Coprococcus e Dialister, estão em quantidades ínfimas na microbiota intestinal de pessoas que sofrem de depressão, independentemente de fazerem tratamento, em comparação com pessoas sem a doença.”

(...)

“Não só podemos identificar as distintas bactérias que podiam desempenhar um papel chave nas doenças mentais, como também os mecanismos, potencialmente envolvidos nessa interação com o hospede, disse em comunicado Mireia Valles-Colomer, coautora do trabalho. Por exemplo, vimos que a capacidade dos micro-organismos de produzir DOPAC, um tipo de metabolito do neurotransmissor da dopamina, foi associada a uma melhor qualidade mental, destaca ele.”



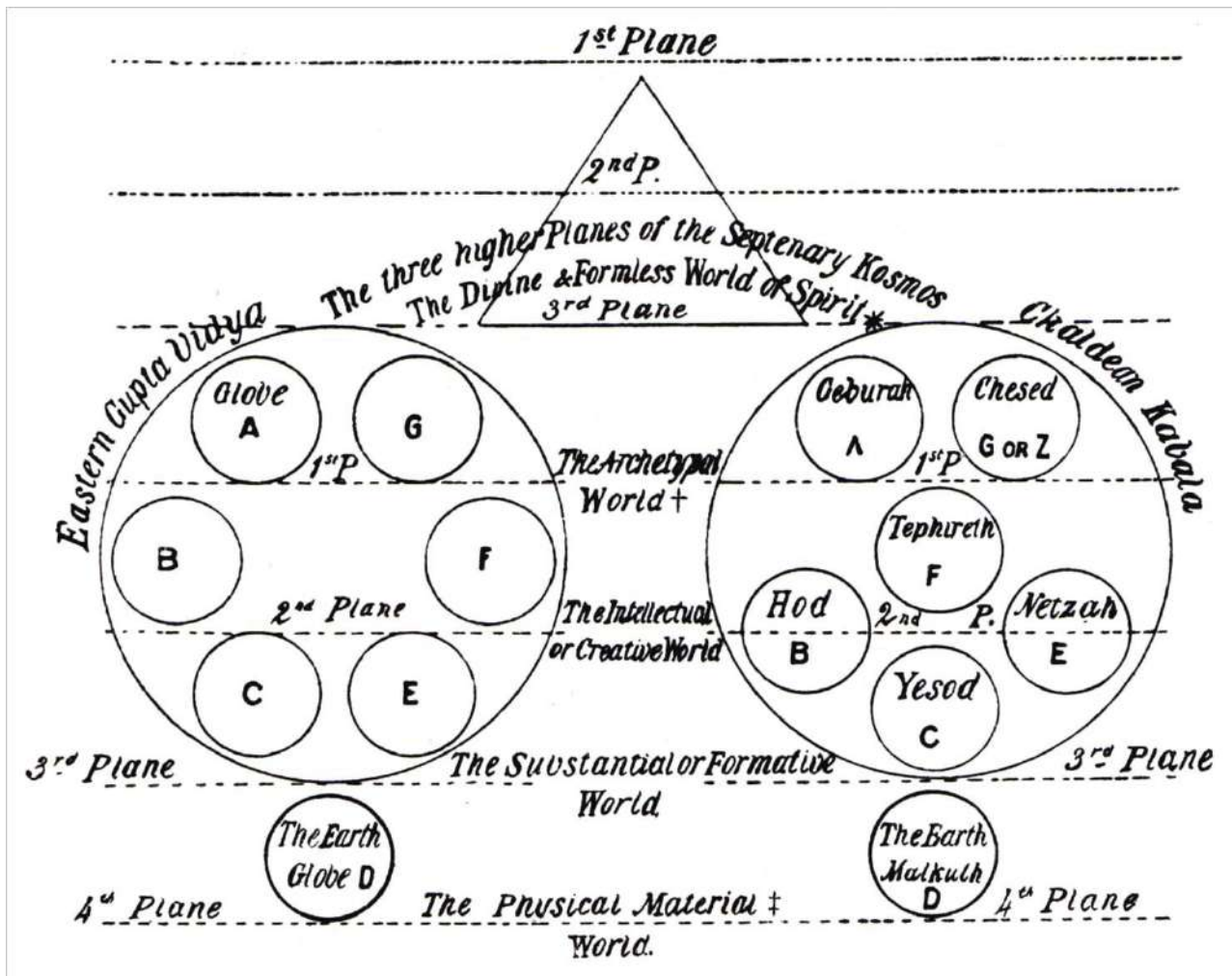
Bactérias da Flora Intestinal. Licença Creative Commons

Não sabemos se os cientistas que realizaram esta descoberta eram ou não budistas, se conheciam ou não os sutras que há 100 anos (antes da descoberta da flora intestinal e suas relações com a nossa saúde) nos teriam parecido absurdos ou sem sentido.

Tampouco sabemos como os autores desses sutras, os primeiros que fizeram essas investigações, há mais de mil anos, chegaram a essas conclusões. Quiçá, como eles mesmo afirmam, pelo despertar de poderes latentes na alma humana, entre eles o da visão mental ou interior, que permitiram também as assombrosas descobertas publicadas na obra *Química Oculta* de Annie Besant e Leadbeater e que deram ferramentas a um Nobel da Química, Francis Aston, para descobrir os isótopos.

A mesma elaboração de uma DOCTRINA SECRETA que serviu de base a todas as Escolas Iniciáticas do mundo antigo, foi feita assim, por milhares e milhares de anos, corroborando assim, com este exame do *Olho do Dangma*, os ensinamentos que receberam dos Pais da Humanidade (Deuses mentais, sem dúvida, pois é fácil pensar que da mesma forma que existe um reino mineral, vegetal, animal e humano, a progressão ascendente deve seguir mais e mais em planos quiçá superiores à nossa experiência e capacidade de entendimento). H.P. Blavatsky descreveu-o desta maneira, no seu Resumo no final de sua *Cosmogênese*: “A Doutrina

Secreta é a Sabedoria acumulada das Eras e, apenas a sua cosmogonia, é o mais surpreendente e acabado dos sistemas, mesmo velado como se encontra no exoterismo dos Puranas. Mas tal é o misterioso poder do simbolismo oculto, que os fatos ocupados por incontáveis gerações de videntes e profetas iniciados para ordená-los, registá-los e explicá-los através da intrincada série do progresso evolutivo, todos eles estão registados em poucas páginas de sinais geométricos e símbolos. A contemplação luminosa daqueles videntes penetrou exatamente no centro da matéria e analisou a alma das coisas, onde um leigo comum, por mais sábio que seja, teria apenas percebido a ação externa da forma. Mas a ciência atual não acredita na “alma das coisas”, portanto deitará fora todo o sistema da velha cosmogonia. Inútil será decidir que o sistema em questão não é uma fantasia de um ou mais indivíduos isolados; que é o arquivo não interrompido, durante milhares de gerações de videntes, cujas respectivas experiências levaram-se a efeito para comprovar e verificar as tradições transmitidas oralmente de uma raça antiga a outra, acerca dos ensinamentos dos Seres superiores e mais exaltados que velaram sobre a infância da humanidade; que durante largas eras, os “Homens Sábios” da Quinta raça (humanidade) pertencentes aos remanescentes salvos e poupados do último cataclismo e alterações do continente, passaram as suas vidas *a aprender*, não *a ensinar*.



Desenho de Cosmogénese da Doutrina Secreta de H.P. Blavatsky. Licença Creative Commons

Como faziam? Resposta: comprovavam, examinavam e verificavam em cada um dos departamentos da Natureza as tradições antigas, por meio de visões, independentes dos grandes Adeptos; isto é, dos homens que aperfeiçoaram as suas organizações físicas, mentais, psíquicas e espirituais ao mais alto grau possível. Nenhuma visão do Adepto foi aceite, até ser confrontada e verificada pelas visões de outros Adeptos, obtidas de modo a apresentarem-se como uma evidência independente por séculos de experiência."

Na realidade, a única coisa que nos cabe perante estas ideias, exemplos, raciocínios e descobertas especialmente aquelas que cruzam a ciência e a tradição, é dizer o que Hamlet disse ao seu amigo Horácio: "há mais coisas no céu e na terra do que o que sonha a tua filosofia."



A Metáfora da Fortaleza Védica

Por Ricardo Martins

Toda a fortaleza visível oculta uma identidade e toda a identidade reconhecida outorga uma nova fortaleza. Temos sido levados a descobrir, ao longo do nosso programa de estudos da Nova Acrópole, os variadíssimos conceitos e aspectos da Identidade humana e divina que, estando velados por tudo aquilo que captamos pelos sentidos, nos são melhor sugeridos através de uma acção consciente e contínua perante os desafios amuralhados do dia-a-dia, dos mais rasos aos mais elevados. Pois, a identidade detrás de uma dificuldade não se revela,

conquista-se. Estas são as fortalezas do quotidiano que o filósofo deve conquistar, na certeza de que só assim possuirá os “tesouros” encerrados nelas. É assim que grandes batalhas exteriores se assumem como metáforas da vida interior, como na *Bhagavadgītā*, onde a dúvida perante a guerra exterior se transforma na compreensão da inexorável necessidade de uma guerra interior. É assim que a viagem de Ulisses se converte numa viagem da alma peregrina, individual e colectiva. E é assim que, nas *Upaniṣads*, o antigo e elaborado sacrifício védico se

converte num magnífico sacrifício interior, onde impera a absoluta ciência da analogia. Veremos que também a fortaleza é uma metáfora para aquilo que oculta a essência, o mesmo que encontramos no Véu de Ísis, só que aqui mais viril.

A palavra feminina *pur* e a sua forma neutra, *pura*, significam, sobretudo em contexto védico, «fortaleza», «baluarte» e «cidade fortificada». Enquanto metáfora, também lhes percebemos os sentidos de «receptáculo» e de «corpo». Estamos, quiçá, mais habituados à forma neutra, por esta nos aparecer nos topónimos, quer divinos, e.g. Brahmapura, quer reais, e.g. Hastināpura, mas é a menos comum em contexto védico. Por exemplo, no *Rgveda*, *pur* aparece setenta e nove vezes, enquanto *pura* apenas seis. Ambas possuem, efectivamente, um contexto metafórico anexo, onde a fortaleza é veículo de uma ideia, quer na forma individual quer na forma composta, já que dizer-se *brahmapura* e *puram brahmanah*, significa exactamente a mesma coisa: a «fortaleza de Brahman». Como no famoso exemplo épico de Hastināpura, tão bem explicado por JAL, formada pelo adjectivo *hastina-*, «fundada por Hastin», «elefantina», «<alta e profunda> como um elefante», e *-pura*, «cidade fortificada», o que nos permite traduzi-la também, e sobretudo, por «cidade fortificada dos elefantes» e por «cidade fortificada da sabedoria».

Esta palavra *pur* (~ gr. *pólis*), aproxima-se ainda do verbo *pur* (*purati*), significando «guiar» e «anteceder», pois é o que oculta a essência e o que nos leva a conquistá-la. Esta relação entre a fortaleza e o acto de guiar e de anteceder poderá auxiliar-nos na compreensão do porquê de existirem fortalezas físicas e fortalezas divinas ao longo da literatura védica, o porquê de existirem fortalezas verdadeiras, que protegem, e fortalezas falsas, que devem ser destruídas. Pois todo o véu inspira a desvelar e toda a fortaleza incita a conquistar.

De uma perspectiva histórica, e dentro do que nos é possível especular, as fortalezas védicas são evocadas sobretudo com o sentido de local de refúgio perante uma ameaça. Pelo facto de servirem de abrigo, tanto para Homens quanto para animais, durante longos períodos de tempo, e pelo facto de guardarem enormes quantidades de riqueza, temos de as supor absolutamente imponentes, firmes e de grande dimensão. Há quem julgue, por isto, as referências védicas às fortalezas e às cidades fortificadas como uma memória histórica de um longo processo de invasão, que culminou com a destruição da civilização do Vale do Indo, em c. 1900 a.C., e de outras civilizações com as suas mega-fortalezas desconhecidas.

No *Rgveda*, a fortaleza aparece-nos, sobretudo, como algo que é conquistado com a ajuda divina e que possui, no seu interior, uma espécie de “tesouro” que se pretende adquirir ou libertar. Vários são os deuses, como Indra ou Agni, que destroem grandiosas fortalezas inimigas, com trovões, com flechas e com sugestivos arremessos táureos, e que de lá expulsam e esmagam os seus inimigos, conquistando o gado, os cavalos e o ouro deixados para trás (e.g., *Rgveda* 4.17.11). Os inimigos que estão nestas fortalezas, que devem ser destruídas, são, por vezes, descritos como «embriões negros» (*kṛṣṇagarbhā*), como no *Rgveda* 1.101.1, o que denota mais a natureza obscura dos inimigos do que o tom que possamos querer dar à sua pele. No entanto, as riquezas no seu interior contrastam com eles, são brilhantes e justificam, ou legitimam, todo o acto heróico. No fundo, aquilo que se diz repetidamente é que: as fortalezas são fulminadas ou derrubadas com grande aparato; os seus inimigos esmagados; e as suas riquezas libertadas. Ou seja, a fortaleza deve ser destruída para que dê à luz aquilo que oculta no seu interior, como os referidos embriões, o que nos permite ler na fortaleza um local de desenvolvimento e

nascimento, um útero, semelhante à noite que gera um “novo” sol ensanguentado. Aqui, os deuses são os “parteiros”, que expulsam violentamente os inimigos das suas fortalezas sombrias, pondo todas as riquezas ocultas à vista. Cremos que não escapará ao filósofo, disciplinado na mais natural das suas artes, a viril referência que aqui se faz ao combate interno entre as luzes e as sombras, onde ao combatermos os nossos defeitos obscuros, permitimos que eles mesmos dêem à luz vislumbres de virtudes brilhantes, até então desconhecidas, mas que constituem os nossos verdadeiros “tesouros” e a nossa verdadeira identidade.

Estas fortalezas são, maioritariamente, metafóricas, ainda que feitas de vários materiais, como a pedra, o bronze ou simplesmente “cruas”, tendo esta última o sentido de “isenta de fogo”, “obscura” e “aquática”, mais do que o de tijolo cru, ou outro sentido que desconhecemos. Algumas delas parecem referir objectos rituais, como taças ou recintos. Existem fortalezas que protegem os inimigos e fortalezas que protegem os poetas-videntes. Existem fortalezas no topo de montanhas, dentro de montanhas e fortalezas que representam o sol no seu zénite, por onde desce a águia que traz o *soma*, e de onde o rei pode governar os cinco povos védicos, ou a quinta humanidade. Existe pelo menos uma referência a uma fortaleza da intenção, de onde o poeta colhe a inspiração poética. Em última análise, independentemente da natureza e da localização da fortaleza, dentro dela está sempre aquilo que outorgará a identidade aos deuses e aos homens, seja porque de lá trazem o fogo, as riquezas ou a inspiração, seja porque de lá expulsam os inimigos obscuros, acção que passa a caracterizar o seu agente.

Resumindo, a fortaleza védica inimiga é aquela que guarda, ilegitimamente, riquezas, a fortaleza védica dos poetas é aquela que guarda a sua identidade de qualquer ataque externo. Em todo o caso, estas fortalezas parecem representar a organização do mundo, como numa cidade, com todas as suas divisões, categorizações e hierarquias sociais, por cujas vias se oculta a mais hierárquica das essências: a identidade da unidade na diversidade.



Krishna como enviado. Óleo do pintor indiano Raja Ravi Varma.
 Licença Creative Commons

Nas *Upaniṣads*, onde se desenvolve ainda mais o aspecto metafórico da fortaleza, esta continua a ser usada como imagem daquilo que esconde algo dentro de si, daquilo que guarda a verdadeira identidade. Só que, aqui, saímos do ambiente viril dos poetas védicos e entramos no, não menos viril, mas diferente, mundo da filosofia especulativa *upaniṣádica*. É que agora, o que existe dentro de uma fortaleza é equivalente no infinitamente grande e no infinitamente pequeno, pois constitui o aspecto oculto de tudo aquilo que pode ser percebido pelos sentidos. É, comparando-se, o equivalente à árvore visível e à sua raiz invisível, pois existe uma fortaleza dentro e uma fortaleza fora, que têm naturezas diferentes, mas uma extensão igual. A imagem da fortaleza é, portanto, usada para nos fazer perceber a analogia que existe entre o que está fora e o que está dentro, rodeado e caracterizado por muralhas e portões. Por exemplo, num passo da *Chāndogyopaniṣad* (8.1.1-5), diz-se que dentro desta fortaleza de Brahman (*brahmapura*), do universo, do mundo ou do Homem, existe um pequeno lótus (*daharam puṇḍarikam*), dentro dele está um habitáculo ou palácio (*veśman*) e, no seu interior, um espaço intermédio ou interior ainda mais pequeno (*daharo 'ntarākāśaḥ*), que constitui a verdadeira fortaleza de Brahman, identificada com o Ātman. Este último espaço intermédio, chamado

de *antarākāśa*, tem o sentido de «céu interior», o que permitiu aos comentadores falarem-nos de um céu exterior, visível, que é reflexo de um céu interior, invisível. Dir-se-á, seguidamente, que tão vasto é este pequeno espaço intermédio quanto o espaço que o ser humano é capaz de captar à sua volta, com a diferença de que um é real e o outro uma projecção ilusória do primeiro. Regressando à imagem da fortaleza, o que se diz é que tão vasta é a fortaleza exterior quanto a fortaleza interior, mas temos primeiro de nos compreendermos numa para contemplar – e proteger – a outra.

Estas duas percepções são-nos apresentadas como fortaleza exterior aparente (e respectivos *makrokosmoi*) e como fortaleza interior real (e respectivos *mikrokosmoi*), e diferenciadas da seguinte forma:

4	Quando te disserem isto: “Nesta fortaleza de Brahman, tudo isto está ordenado, todos os seres e todos os desejos. Chegando a velhice ou morrendo, o que sobra dela?” Responder-lhes-ás:
5	“Esta não envelhece com a velhice, nem lhe é causada a morte com a morte. Nela, estão todos os desejos ordenados, esta é a verdadeira fortaleza de Brahman. Este <pequeno espaço> é o Eu (Ātman), destituído de mal, que não envelhece, não morre, não sofre, não tem fome, nem tem sede, aquele cujo desejo é real e cuja intenção é real.

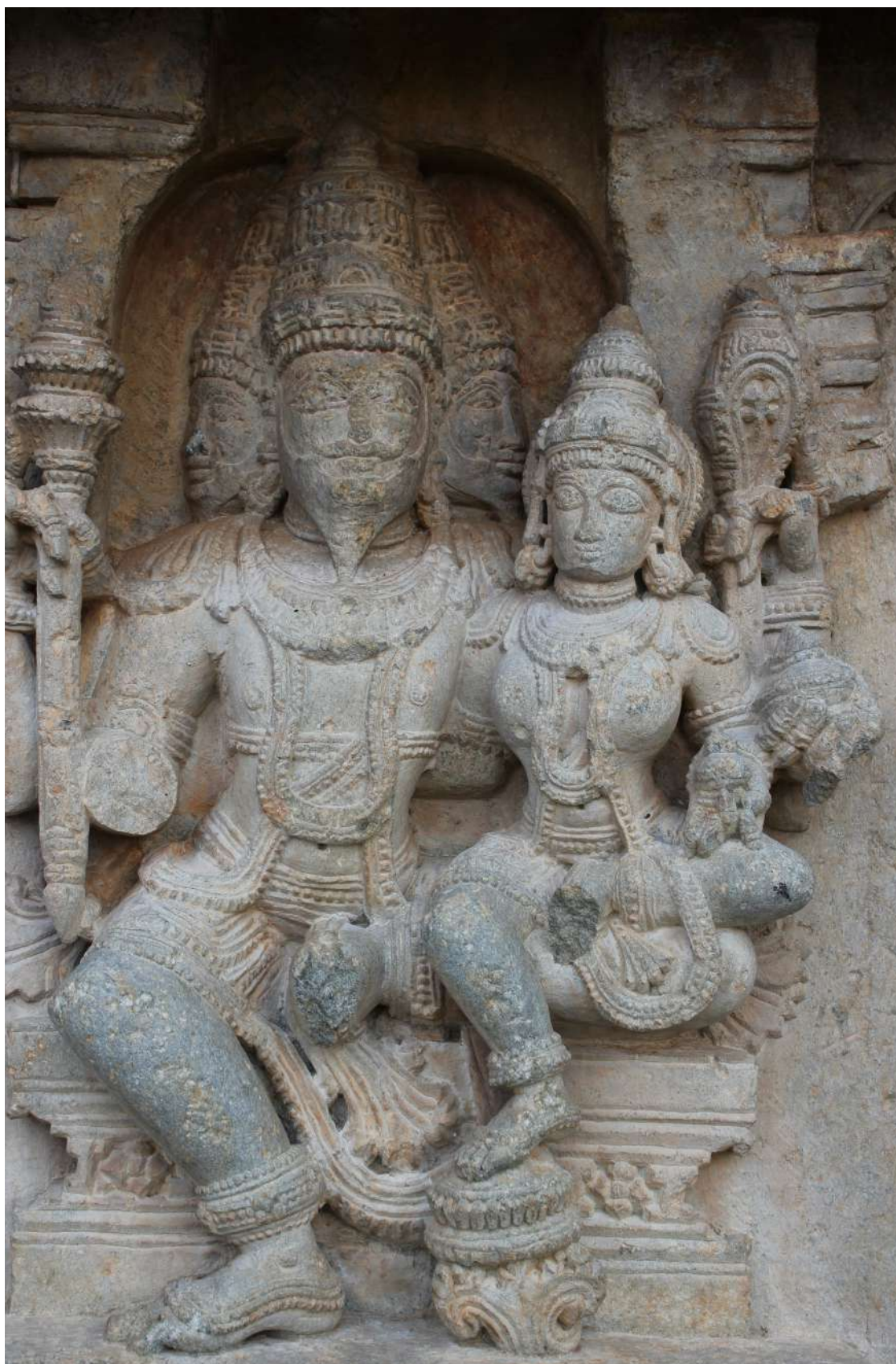
Existem, portanto, duas fortalezas em simultâneo: uma fortaleza externa de Brahman; e uma fortaleza interna de Brahman, sendo esta comparada ao Eu (Ātman). Este Ātman, é aquele cujos desejos e intenções são, efectivamente, reais, contrapondo-se aos desejos e intenções exteriores, vítimas das circunstâncias e, por isto, irreais. Por outro lado, equipara-se o desejo (*kāma*) à intenção, decisão ou vontade (*saṃkalpa*), querendo isto dizer que aquilo que se deseja está em concordância com aquilo que se decide fazer, e que estes não se dirigem à irrealidade, pois o objecto desejado e o desejo estão unidos. Cá fora, no nosso mundo, bem sabemos que o *kāma* é uma coisa e que o *saṃkalpa* é outra,

geralmente até os diferenciámos por durabilidade: o desejo é fugaz e variável, a vontade é firme e durável. Não será difícil, portanto, percebermos o porquê dos comentadores nos dizerem coisas do estilo: «quem conhecer este Eu, será capaz de realizar, no imediato, todos os seus desejos, seja qual for o plano onde se encontre», uma vez que só os desejos do Eu são, efectivamente, reais e realizáveis, mas todos os outros desejos ou intenções são ilusórios e mutáveis. Os desejos externos são varredores de folhas secas que negam a árvore e que são incapazes de sonhar com a raiz. Os desejos internos são a raiz geradora de todas as variedades de folha.

Na fortaleza externa, existe uma preocupação para com a morte e para com o que será feito desta com o passar do tempo. Por outro lado, é na fortaleza interna que encontramos a resposta, pois é nela que nos libertamos do mal, da velhice, da morte, do sofrimento, da fome e da sede. Tudo isto existe na fortaleza externa, destruindo-a, mas nada disto atinge ou altera a fortaleza interna.

A forma com que somos convidados a conquistar esta fortaleza é descrita de forma relativamente simples: (1) existe uma fortaleza, na qual devemos entrar; (2) dentro dela está um pequeno lótus, no qual devemos seguidamente entrar; (3) dentro do lótus está um habitáculo, que devemos habitar; (4) dentro dele está um espaço ainda menor, que devemos conquistar, pois trata-se do Ātman. E mais, é que ao entrarmos neste espaço interno reduzido, percebemos que é idêntico, ou pelo menos tão extenso, quanto o espaço exterior, pois o observador depara-se com a vastidão.

Trata-se de percebermos aquilo que está no segredo. Ao conquistarmos a fortaleza exterior e ao entrarmos nela, descobrimos a nossa verdadeira fortaleza interior, que é a que devemos trazer para fora. Isto é, não é uma fortaleza que tenha medo de morrer, que tema envelhecer ou sofrer, que tenha alguma forma de fome ou sede. Não é uma fortaleza que tenha desejos vãos, irreais, que umas vezes se realizam e outras não. Não é uma fortaleza feita de intenções irreais, que umas vezes se cumprem e outras não. É todo o contrário.



Escultura em relevo do deus hindu Brahma e a deusa Saraswati no templo Mallikarjuna em Basaralu.
Licença Creative Commons

Na *Kaṭhōpaniṣad* (5.1), diz-se que esta fortaleza externa tem onze portões e que constitui uma prisão para o seu habitante, comparando-se assim ao corpo humano e às suas zonas frágeis, como os dois olhos, as duas narinas, o umbigo, a abertura do crânio, etc. Noutras *Upaniṣads*, refere-se a fortaleza de nove portões por onde se escapa o Eu na forma de ganso. Independentemente do número de portões, facilmente identificáveis na nossa fortaleza anatómica, o que nos salta à vista é a alusão a uma analogia completa, sobre a qual, como nos diz Platão, “dão-se informações que não vale a pena aqui lembrar”, entre os portões de uma fortaleza e os nossos próprios “portões” físicos, representando locais de passagem, de contacto e de preservação interior, que devem ser protegidos e guardados.

Considerando os sete portões da face, ou as quatro castas sociais neles resumidos, podemos sugerir a seguinte generalização: aos olhos compete captar e organizar o que deve alimentar a mente; aos ouvidos compete identificar e guardar o que deve alimentar a emoção; às narinas compete filtrar e “economizar” o que deve alimentar o vital; à boca compete separar aquilo que alimentará o físico. Neste sentido, podemos supor que tudo o que faz o ser humano enquanto personalidade, nos seus planos físico, vital, emocional e mental, é aprisionar, tal como faz uma fortaleza, sabendo-se, no entanto, que o que foi aprisionado será, num futuro mais ou menos próximo, herculeamente libertado. Todo o ser humano é uma fortaleza para o seu Eu, tal como a mente aprisiona o conhecimento ou o corpo o alimento.

Analogias à parte, o que as *Upaniṣads* nos dizem, no geral, é que o Eu (*Ātman*) é uma Fortaleza (*pur*) dentro de outra. A fortaleza externa não é, necessariamente, algo fixo ou inamovível, mas sim dinâmico, uma vez que a fortaleza não tem valor pelo que é, mas pelo que guarda e por aquilo que pode libertar. A fortaleza é o corpo e é todo o cosmos, que encerram dentro de si a fortaleza real, a verdadeira identidade, o Eu ou a essência de todas as coisas.

Mas quando se diz que o corpo humano e o universo são uma fortaleza, mas que também o Eu o é, o que se sugere é uma unidade de todos os aspectos da realidade e uma vida una. Existem várias referências a fortalezas na literatura védica, mas nem todas poderão ser lidas como reflexos de fortalezas históricas. A maior parte delas são simbólicas. Resumindo, existe uma fortaleza visível e outra invisível, a primeira funciona como prisão e a segunda como libertação.

No *Atharvaveda*, datado aproximadamente do séc. XII a.C., ainda que indicie uma origem mais antiga, na versão de Śaunaka (10.2.28-33), lemos o seguinte sobre o Homem:

28	<p>Foi lançado na vertical? Foi lançado na horizontal? Puruṣa (= o Homem) foi <lançado> em todas as direcções!</p> <p>Aquele que conheceu a fortaleza (<i>pur</i>) de Brahman (= do Absoluto), a partir da qual Puruṣa foi proclamado;</p>
29	<p>Aquele que, na verdade, conheceu a fortaleza de Brahman, ocultada pela imortalidade;</p> <p>A esse, Brahman e a <fortaleza(?)> de Brahman deram a visão, o sopro <vital> e a procriação.</p> <p>Na verdade, a visão não o abandona, nem o sopro <vital>, antes da velhice.</p>
30	<p>Aquele que conheceu a fortaleza de Brahman, a partir da qual Puruṣa foi proclamado.</p> <p>A fortaleza dos deuses, tendo oito muralhas e nove portões, é incontestável.</p>
31	<p>Nela está, ocultada pela luz, uma caldeira de ouro celeste.</p> <p>Na caldeira de ouro, triplamente fixada em três raios.</p>
32	<p>Nesta, na verdade, os conhecedores de Brahman conheceram o Yakṣa (= guardião do tesouro) possuidor do Eu (<i>Ātman</i>).</p> <p>A <fortaleza> esverdeada brilhava, rodeada pelo esplendor.</p>
33	<p>Brahman preencheu a incontestável fortaleza dourada.</p>

Esta fortaleza de Brahman é, à semelhança de outros exemplos, esquematizada em muralhas e portões, e dividida em três realidades, como aquela que conhecemos do exemplo “carro-cavalo-cocheiro”. No entanto, aqui, não se leva o “leitor” a separar a realidade, mas sim, a uni-la e a perceber o Eu como essência e unidade de todas as coisas e a sua respectiva identificação, através de múltiplas analogias, com a totalidade. Esta imagem é concluída com Brahman que preenche a fortaleza, ou seja, identifica-se com a sua própria totalidade. Algo que se percebe deste hino é que os poderes da alma humana resultam desta capacidade de unir todas as coisas.

De todos estes exemplos, e de outros análogos, podemos concluir várias coisas. Existem duas fortalezas, que nos textos mais antigos se dividem em fortalezas luminosas e fortalezas sombrias. As sombrias devem ser destruídas e dar lugar às luminosas. A primeira imagem que temos é de uma fortaleza usada em contexto bélico. Este conceito é depois mais elaborado, gerando outras duas fortalezas, uma externa e outra interna, estas devem ser equiparadas e percebidas como uma única fortaleza. Não é que o contexto bélico desapareça, mas o conquistador da fortaleza passa a ser aquele que se conquista a si mesmo. Aqui, relaciona-se directamente o Homem com a fortaleza, da mesma forma que se relaciona Brahman com Ātman. A realidade que somos capazes de captar é uma fortaleza que guarda dentro de si a fortaleza real, aquela que protege a nossa identidade e a identidade de todas as coisas.

Neste último exemplo, explica-se a etimologia popular de *Puruṣa*, que é derivada de *pur*, o que nos ajuda a compreender tanto o ser humano quanto o cosmos como uma fortaleza. É por este motivo que na *Bṛhadāraṇyakopaniṣad* (2.5.18) se diz que *Puruṣa* (o Homem) está dentro da *pur* (fortaleza), com o sentido de: o Eu está dentro do corpo. Naquilo que nos diz respeito de forma mais directa, esta fortaleza é aquilo que defende o que é sagrado dentro de cada um de nós. É a fortificação que defende a hierarquia da verdade da anarquia da mentira e da opinião, que ataca vinda de todos

os lados ou permanecendo na sombra. É aquilo que nos permite resistir a todos os embates, mas não é um isolamento do mundo, pois obriga-nos, pela analogia, a compreender uma comunhão perpétua entre o que está dentro e o que está fora, levando-nos a respirar um pouco de imortalidade. Perceber uma fortaleza interior é perceber o infinito dentro sem o diferenciar do infinito fora.

Bibliografia:

Danuta Stasik e Anna Trynkowska (org.), *The City and the Forest in Indian Literature and Art*, Warsaw, Dom Wydawniczy Elipsa, 2010.

curso



FILOSOFIA PRÁTICA



Conhecer-se a si mesmo

O conhecimento de si mesmo é a chave de todo o conhecimento superior e da compreensão da Natureza; é o primeiro passo na transformação de nós próprios.

No entanto, nem sempre pensamos, sentimos ou agimos como gostaríamos. Temos sentimentos indesejados, alegrias fugazes e relacionamentos complicados.

Uma sábia gestão emocional pode resolver muitos dos nossos problemas, ajudando-nos a conviver com tudo o que nos rodeia.



A harmonia do mundo

Há na natureza uma harmonia com a qual podemos entrar em sintonia.

A sociedade e a harmonia nas relações são construídas por indivíduos conscientes e ativos nessa construção de um mundo melhor.

A filosofia dá-nos pistas sobre como quebrar as correntes da ignorância pessoal, do preconceito e do medo para uma sociedade mais aberta e mais livre.



O sentido da existência

Uma vida com sentido não é algo assim tão distante como se poderia pensar.

Ela está enraizada no exercício das nossas melhores capacidades inatas como a força de vontade, amor e empatia, criatividade, coragem e resiliência, atenção e serviço ao outro.

A prática das virtudes próprias do ser humano confere um sentido a cada um dos nossos actos e integra-nos com o caminho da humanidade.

pandava
ॐ इन्द्रवैश्वानरं वेदं नवेत्

**PANDAVA É UMA REVISTA
INTEIRAMENTE REALIZADA
POR VOLUNTÁRIOS DA
NOVA ACRÓPOLE DE PORTUGAL**

WWW.NOVA-ACROPOLE.PT